



Ispa

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

VAMOS CONVERSAR? A COMUNICAÇÃO PARENTAL SOBRE
SEXUALIDADE: O IMPACTO NA EXPERIÊNCIA SEXUAL DOS
FILHOS EM IDADE ADULTA

MARGARIDA PALMA GOMES

Orientador de Dissertação: PROFESSORA
DOUTORA SOFIA VON HUMBOLDT

Professor de Seminário de Dissertação: PROFESSORA
DOUTORA SOFIA VON HUMBOLDT

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2025

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Sofia Von
Humboldt, apresentada no Ispa –
Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de deixar o meu maior agradecimento à Professora Doutora Sofia Von Humboldt, por não ter desistido de me ajudar e me ter sempre tentado tirar da minha zona de conforto, desafiando-me constantemente.

À minha família por acreditarem que era capaz e por me darem o apoio e as ferramentas para conseguir concluir este percurso.

À minha melhor amiga Margarida por todo o colo, conversas motivacionais, revisões de ortografia e apoio incondicional.

Ao Vasco por todo o amor, paciência, abraço e escuta sem julgamentos.

À Catarina, ao Ricardo, à Mariana e ao Ricardo pelo apoio, pelas noites de jogos e pelos risos que foram fundamentais para manter o equilíbrio durante estes 5 anos.

À Margarida, à Catarina, à Marta e ao Gil, sem eles o percurso teria sido muito mais solitário e triste.

Por fim, a todos os professores que ao longo destes 5 anos me desafiaram a crescer e a ser uma melhor pessoa e profissional.

Resumo

A comunicação parental sobre sexualidade durante o crescimento dos filhos associa-se a comportamentos sexuais seguros na adolescência e a uma vivência sexual positiva na adultez, contudo, a maioria dos estudos centram-se nas perspectivas dos pais ou adolescentes. Assim, torna-se relevante aprofundar estas associações na experiência dos filhos em início de idade adulta e em contexto nacional. Assente na Teoria dos Padrões de Comunicação Familiares, este estudo analisa o efeito da comunicação parental sobre sexualidade no autoconceito e satisfação sexual dos filhos adultos. O estudo segue um desenho misto: na componente quantitativa participaram 100 filhos que completaram: Questionário Sociodemográfico, Questionário de Comunicação Parental e Autoconceito Sexual e a Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida, analisadas através do *SPSS*; na dimensão qualitativa contou-se com 11 participantes que realizaram entrevistas semiestruturadas, analisadas através de Análise Temática Reflexiva. Os resultados demonstram uma maior comunicação parental sobre sexualidade nos filhos jovens adultos face aos filhos adultos; sustentam que famílias com alta orientação para conversa apresentam níveis superiores de comunicação e autoconceito sexual; validam correlação positiva entre comunicação parental e comunicação parental sobre sexualidade; revelam que níveis mais altos de comunicação parental sexual predizem maior satisfação e o autoconceito dos filhos; evidenciam a importância de uma comunicação parental empática para uma vivência positiva da sexualidade em contraste com o silêncio ou julgamento; salientam que mais do que a frequência da comunicação importa a qualidade e que na ausência de diálogo familiar, os filhos recorrem a fontes extrafamiliares, porém não substituem o papel dos cuidadores.

Palavras-chave: Comunicação parental sobre sexualidade; filhos em idade adulta; autoconceito sexual; satisfação sexual; Teoria dos Padrões de Comunicação Familiares

Abstract

Parental communication about sexuality during children's upbringing is associated with safer sexual behaviour in adolescence and a more positive sexual experience in adulthood. However, most studies focus on parents' or adolescents' perspectives. Therefore, it becomes relevant to further explore these associations through the experiences of adult children in early adulthood, within a national context. Grounded in the Family Communication Patterns Theory, this study examines the effect of parental communication about sexuality on the sexual self-concept and sexual satisfaction of adult children. The study followed a mixed-methods design: in the quantitative component, 100 adult children completed a Sociodemographic Questionnaire, a Parental Communication and Sexual Self-Concept Questionnaire and the Short Version of the New Sexual Satisfaction Scale, analysed using SPSS. In the qualitative component, 11 participants completed semi-structured interviews, analysed through Reflexive Thematic Analysis. Results showed higher levels of parental communication about sexuality among younger adult children compared to older ones. Families with a high conversation orientation displayed higher levels of communication and sexual self-concept, and a positive correlation was found between general parental communication and communication about sexuality. Higher levels of sexual communication predicted greater sexual satisfaction and self-concept. Findings highlight that an empathic parental communication style fosters a more positive sexual experience, whereas silence or judgment promote shame and avoidance. Quality of communication emerged as more important than frequency, and in its absence, adult children often rely on extrafamilial sources, which do not replace caregivers' roles.

Keywords: Parental communication about sexuality; adult children; sexual self-concept; sexual satisfaction; Family Communication Patterns Theory.

Índice

Introdução	1
Revisão de Literatura	3
Sexualidade	3
Autoconceito Sexual	3
Satisfação Sexual e Práticas Sexuais.....	4
Comunicação Parental e Teoria dos Padrões de Comunicação Familiar	6
Jovens Adultos e a Construção da Identidade Sexual.....	10
Metodologia	13
Desenho do estudo	13
Participantes	13
Material	14
<i>Questionário sociodemográfico</i>	15
<i>Questionário de Comunicação Parental e Autoconceito Sexual</i>	15
<i>Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida (NSSS-S)</i>	17
Procedimento.....	18
<i>Análise de Dados</i>	18
Resultados	21
Objetivo Um: Comparação de perspectivas entre jovens adultos e adultos	21
Objetivo Dois: Comparar se as diferentes orientações da comunicação parental diferem no autoconceito sexual e na comunicação parental acerca da sexualidade.....	22
Objetivo Três: Compreender a existência de uma associação entre comunicação parental e da comunicação parental acerca da sexualidade	23
Objetivo Quatro: Perceber se a comunicação parental acerca da sexualidade prediz o autoconceito e satisfação sexual dos filhos em idade adulta.....	24
Objetivo Seis: Representar a experiência subjetiva dos filhos acerca da influência que a comunicação parental sobre a sexualidade tem na vivência da sua sexualidade atualmente.....	25

<i>Tema Um: Abertura parental como promotora de naturalidade e segurança</i>	25
<i>Tema Dois: Obstáculos à comunicação</i>	26
<i>Tema Quatro: Insegurança vs Segurança como resultado da comunicação</i>	27
<i>Tema Cinco: Influência de fatores socioculturais na comunicação</i>	28
<i>Tema Seis: Comunicação parental desajustada</i>	28
Discussão	32
Conclusão	36
Referências	37
Anexos	46
Anexo A- Consentimento Informado	46
Anexo B- Questionário Sociodemográfico	47
Anexo C- Questionário Comunicação Parental e Autoconceito Sexual	48
Anexo E- Guião de Entrevista	59
Anexo F- Pressuposto da Normalidade para as variáveis Comunicação Parental e Comunicação Parental Sexual	60
Anexo G- Pressupostos do teste <i>t-student</i> - Tipo de família/ Autoconceito Sexual	61
Anexo H- Pressuposto da Regressão Linear- Comunicação Parental Sexual X Autoconceito Sexual	62
Anexo I- Pressupostos Regressão Linear- Comunicação Parental Sexual X Satisfação Sexual	65
Anexo J- Transcrição das respostas às perguntas de entrevista	68

Índice de Tabelas

Tabela 1- <i>Caracterização Sociodemográfica</i>	13
Tabela 2- <i>Comunicação Parental e Comunicação Sexual Parental</i>	21
Tabela 3- <i>Comunicação Sexual Parental- Família Orientada Para Conformidade vs Conversação</i>	22
Tabela 4- <i>Autoconceito Sexual- Família orientada para conformidade vs. Família orientada para a conversação</i>	23
Tabela 5- <i>Correlação de Spearman- Comunicação Parental e Comunicação Parental acerca da Sexualidade</i>	23
Tabela 6- <i>Regressões Lineares- Comunicação acerca da Sexualidade e Dimensões da Vivência Sexual</i>	25
Tabela 7- <i>Tabela Resumo da Análise Qualitativa</i>	29

Índice de Figuras

Figura F1. Teste Kolmogorov-Smirnov	60
Figura G1. Teste Kolmogorov-Smirnov	61
Figura G2. Teste de Levene	61
Figura H1. Teste de Independência dos erros (<i>Durbin- Watson</i>).....	62
Figura H2. Valor da Distância de <i>Cook</i>	62
Figura H3. Diagrama de Dispersão	63
Figura H4. Distribuição dos Resíduos Padronizados	63
Figura H5. Gráfico P-P resíduos padronizados	64
Figura I1. Teste de Independência dos erros (<i>Durbin-Watson</i>)	65
Figura I2. Valor da Distância de <i>Cook</i>	65
Figura I3. Diagrama de Dispersão.....	66
Figura I4. Distribuição dos Resíduos Padronizados.....	66
Figura I5. Gráfico P-P resíduos Padronizados	67

Introdução

Os pais apresentam-se como figuras primordiais na vida dos filhos. Através destas figuras, os filhos aprendem com recurso à observação e à modelagem, sejam estas aprendizagens, a nível dos comportamentos, sentimentos, valores e normas (Bandura, 1977). O relacionamento com os cuidadores serve também de base para o estabelecimento de relações futuras dos filhos, definindo a forma como o indivíduo espera, percebe e responde em relações íntimas (Bowlby 1988). A comunicação apresenta-se como um fator central na relação pais-filhos, dado que é também através desta que quer os pais, como os filhos passam expectativas, sentimentos, valores e normas (Relvas, 1996).

Por conseguinte, a comunicação parental para além de ser central no desenvolvimento global dos filhos, revela-se também como um fator determinante na construção de uma identidade sexual. Uma comunicação marcada por abertura e responsividade em relação à sexualidade, surge associada a um maior bem-estar psicológico, mas também a um autoconceito sexual mais positivo e a relações íntimas mais satisfatórias (Widman et al. 2016; Wilson et al., 2022). Contrariamente, um estilo comunicacional caracterizado por silêncio e por censura de temas referentes à sexualidade podem comprometer o desenvolvimento da identidade sexual e contribuir para a validação ou permissão de comportamentos abusivos em relações futuras.

Esta problemática assume particular relevância no contexto nacional, como é perceptível no Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro (UMAR/CIG, 2023) que demonstrou que a maioria dos jovens não reconhece comportamentos abusivos como violência e que mais de metade dos jovens que estiveram em relações românticas afirmaram ter experienciado algum tipo de vitimação. Desta forma, torna-se urgente entender de que forma a comunicação parental acerca da sexualidade pode funcionar como um fator protetor no desenvolvimento de relações íntimas saudáveis e satisfatórias. Assim, o objetivo principal da dissertação é analisar o efeito dos tipos de comunicação parental acerca da sexualidade no autoconceito sexual e perante o nível de satisfação sexual dos filhos em idade adulta.

A dissertação tem por isso início com a questão "Qual o efeito da comunicação parental acerca da sexualidade no autoconceito sexual e na satisfação sexual dos filhos em idade adulta?" e está estruturada em quatro partes: (1) revisão da literatura que compreende a definição de sexualidade, de autoconceito sexual e satisfação sexual, assim como o aprofundamento da comunicação parental associado à apresentação do modelo teórico

escolhido; (2) descrição do método, no qual se apresenta o desenho do estudo e os participantes, bem como a sua caracterização, descrição dos materiais utilizados, procedimento e análise dos dados; (4) discussão dos resultados obtidos à luz da literatura existente, oferecendo propostas para estudos futuros e possíveis implicações para a prática clínica.

Revisão de Literatura

Sexualidade

Atualmente, a sexualidade representa um elemento central para iniciar e manter relacionamentos, sendo a satisfação sexual um fator fundamental para o alcance de satisfação relacional (Rausch & Rettenberger, 2021). A par desta questão, o principal propósito da sexualidade humana tem vindo a alterar o foco da formação de família e reprodução para ser encarado como uma parte fulcral das interações sociais.

A Organização Mundial de Saúde define sexualidade, como um aspeto central da vida e qualidade de vida de um indivíduo, assim para além de sexo, esta inclui também a orientação sexual, os papéis e identidade de género, o prazer, a reprodução, o erotismo e a intimidade, a qual é manifestada e vivida através de pensamentos, desejos, crenças, valores, fantasias, atitudes, comportamentos, práticas, papéis e relações, no entanto, estas dimensões podem não estar sempre presentes na vida de um indivíduo. Existem múltiplos aspetos que influenciam a sexualidade, sejam estes a nível social, político, legal, cultural, histórico, biológico, psicológico, religioso ou espiritual (World Health Organization, 2024).

A sexualidade é a forma como alguém se expressa e experiencia a vida enquanto ser sexual, representando uma parte essencial do indivíduo, estando assente em fatores biológicos, como a excitação e a resposta sexual; sociais e culturais, nomeadamente o impacto da religião, etnia e classe social; e psicológicos que compreendem que as atitudes são moldadas pelas nossas emoções, pensamentos e personalidade. Sendo que é através da interação de todos estes fatores que o bem-estar sexual e uma expressão sexual saudável são construídos (Rathus et al., 2005; Nimbi et al., 2021).

Autoconceito Sexual

Um dos aspetos da sexualidade que compõe a identidade, é o autoconceito sexual (Potki et al., 2017). Este constitui-se como a consciência de si mesmo enquanto ser sexual e representa uma etapa normativa do desenvolvimento do adolescente, iniciando-se muito antes do mesmo começar qualquer contacto sexual físico e constitui o cerne de sexualidade de um ser humano (Potki et al., 2017), auxiliando-o a dar estrutura e motivação para o comportamento sexual e a organizar a mesma, dando sentido à experiência sexual (Hensel et al., 2011; Evans-Paulson et al., 2021b). O autoconceito sexual, é composto por três elementos, auto-estima sexual, nomeadamente avaliações positivas da própria sexualidade; ansiedade sexual que se refere ao desconforto, à tensão ou a qualquer outra avaliação negativa dos aspetos sexuais; e

abertura sexual que está relacionada com o reconhecimento da excitação e do prazer sexual, bem como, com um sentimento de direito em praticar atividades sexuais (Hensel et al., 2011; Evans-Paulson et al., 2021b).

Concebendo o autoconceito sexual como flexível e dinâmico ao longo do ciclo de vida do sujeito, é importante ter em conta os fatores interpessoais e intrapessoais que influenciam este aspeto da personalidade e neste sentido, existe uma multiplicidade de elementos que contribuem para a criação e manutenção do autoconceito sexual, sejam estes biológicos (idade, género, estado civil, etnia, Infecções Sexualmente Transmissíveis e deficiência), sociais (pais, pares, media) ou psicológicos (saúde mental, imagem corporal, historial de abuso sexual em criança; Potki et al., 2017; Astle et al., 2023).

Satisfação Sexual e Práticas Sexuais

Dado que as diferentes dimensões do autoconceito sexual, auto-estima sexual, ansiedade sexual e abertura sexual se apresentam como preditores da satisfação sexual, será útil definir e conhecer este conceito (Hensel et al., 2011; Evans-Paulson et al., 2021b; Antičević et al., 2017).

O conceito de satisfação sexual compreende-se como um construto sem uma definição restrita, apesar de existirem vários instrumentos para medir a satisfação sexual, estes variam entre eles na definição, estando as medidas mais antigas direcionadas para a presença de orgasmos e frequência de interações sexuais (Lawrance & Byers, 1995). Enquanto em estudos mais recentes, este conceito é medido pela avaliação individual da sexualidade de cada pessoa, por itens únicos ou escalas com vários itens, em que cada conjunto representa aspetos associados à satisfação sexual como a qualidade das interações sexuais ou a frequência das mesmas (Rausch & Rettenberger, 2021). No entanto, parece existir algum consenso em como parte do construto consiste numa auto-perceção e avaliação (Peixoto et al., 2018). Importa também, a definição de Lawrance e Byers (1995), pois o instrumento utilizado para aferir esta dimensão, está assente na perspetiva de que a satisfação sexual é entendida como uma resposta afetiva baseada numa avaliação subjetiva dos aspetos positivos e negativos relacionados com a relação sexual.

As análises preliminares dos resultados do Questionário Avaliação das Práticas e Experiências de Saúde Sexual (SHAPE) aplicado em Portugal, composto por uma amostra de 2010 participantes, tendo estes, idades compreendidas entre os 18 e os 95 anos. À luz da

auto percepção de cada participante, foi possível perceber que perante a sua satisfação sexual no último ano, 53,3% dos mesmos relataram estar insatisfeitos sexualmente (SexLab, 2024).

O mesmo também demonstrou que os portugueses têm a sua primeira experiência sexual entre os 15 e os 21 anos e que em média têm por volta de 7 parceiros sexuais ao longo da vida (SexLab, 2024). O conceito de experiência sexual abrange não só a atração, o prazer e a excitação, mas ainda, as diferentes práticas sexuais como a masturbação, os beijos, o sexo com penetração e igualmente as dificuldades vividas no sexo como a falta de prazer, a disfunção erétil e a dor (Fortenberry, 2014).

A maioria dos instrumentos construídos para aferir a experiência sexual focam-se maioritariamente nas dificuldades, como é o caso do *Arizona Sexual Experience Scale* (McGahuey, Gelenberg & Cin, 2000), do *Sexual Experience Questionnaire* (Mulhall et al., 2008) e do *Brief Index of Sexual Functioning for Women* (Taylor, et al., 1994). No entanto, procuram avaliar em simultâneo, dimensões como a satisfação sexual individual ou do casal (Mulhall et al., 2008), o desejo e os pensamentos sexuais (Taylor, et al., 1994), a excitação, a satisfação com o orgasmo e com o impulso sexual (McGahuey, Gelenberg & Cin, 2000), significando por isso que a experiência sexual se constitui como um conceito bastante abrangente que alberga muitos outros.

Ao nível de práticas sexuais e da frequência das mesmas, o SHAPE concluiu que 13,7% da amostra nunca se tinha masturbado, 16,6% nunca tinham feito sexo oral, 14,1% nunca tinham recebido sexo oral e 65,1% dos participantes tinham tido atividade sexual em média 5 vezes no mês anterior à participação no estudo (SexLab, 2024).

De acordo com Newlands et al. (2020) a experiência sexual dos indivíduos é um aspeto multifatorial que se encontra marcado por fatores culturais, sociais, psicológicos e interpessoais (White et al., 2023; Sánchez-Fuentes et al., 2025; Rubin et al., 2019). Assim torna-se relevante analisarmos estes fatores: cultura e normas culturais, papéis de género, religião, comunicação entre parceiros e educação sexual.

A cultura tem um papel fundamental na forma como o comportamento sexual é interpretado, normatizado e experienciado. As normas culturais tendem a definir o que é socialmente aceitável no domínio sexual, influenciando tanto as normas sexuais internalizadas (*sexual scripts*) individuais, como as expectativas sobre o desejo, o prazer e o desempenho sexual (Newlands et al., 2020; White et al., 2023). O género e os papéis tradicionalmente atribuídos a mulheres e a homens também impactam significativamente a experiência sexual.

Em culturas nas quais predomina o machismo, as atitudes em relação ao sexo são muitas vezes marcadas pela repressão, desigualdade de poder nas relações e limitação da expressão da sexualidade, sobretudo no que concerne as mulheres (Newlands et al., 2020; Sánchez-Fuentes et al., 2025). A religião constitui outro fator central, dado que, em contextos religiosos mais conservadores, a sexualidade pode estar associada a sentimentos de culpa ou vergonha, o que restringe a vivência livre da intimidade sexual (Newlands et al., 2020; Rubin et al., 2019). A comunicação entre parceiros apresenta-se como outro aspeto a ter em conta, dado que relações marcadas por dificuldades na comunicação, apresentam frequentemente experiências sexuais menos satisfatórias, devido à incapacidade de expressar desejos, necessidades ou desconfortos de forma aberta (Newlands et al., 2020; White et al., 2023). A educação sexual ou a ausência da mesma influencia diretamente o modo como os indivíduos compreendem o funcionamento do corpo e da sexualidade. O desconhecimento sobre a anatomia, fisiologia e resposta sexual pode gerar inseguranças, crenças erradas e ansiedade, prejudicando a qualidade da experiência sexual (Newlands et al., 2020; White et al., 2023).

Comunicação Parental e Teoria dos Padrões de Comunicação Familiar

Dado que os pais são uma das primeiras fontes de educação acerca da identidade sexual dos filhos e simultaneamente, das mais importantes (Potki et al. 2017), iremos analisar com mais detalhe a comunicação parental e a sua importância no crescimento dos mesmos. A comunicação parental representa um recurso essencial para a formação das crianças e diz respeito ao processo no qual os pais e os filhos trocam mensagens não-verbais e verbais, nesta existe uma influência da forma como os pais comunicam nos comportamentos, atitudes e desenvolvimento emocional dos filhos (Rongo et al., 2025). Esta comunicação é um processo bidirecional e dinâmico, no qual são partilhadas não apenas informações, mas também emoções e expectativas que moldam a identidade do filho (Li et al., 2025). Este é um processo desafiante e complexo que pode ser influenciado por diversas barreiras, estas podem ser, contextuais, emocionais e comportamentais, como irão ser descritas abaixo. Como por exemplo, Graungaard et al. (2021) refere ser notória a existência de alguma dificuldade por parte dos pais em lidar com emoções negativas, seja esta perante o sofrimento próprio ou do seu filho, existindo a tendência para se sentirem pouco preparados ou emocionalmente sobrecarregados para conseguirem adereçar os sentimentos referidos de forma empática e direta, o que se traduz no desenvolvimento de um padrão de evitamento comunicacional.

No caso de situações do quotidiano, como é o caso da resolução de problemas ou a realização de tarefas, os pais tendem a utilizar frases muito gerais e comuns, em detrimento

de um diálogo mais estruturado com base na superação e no esforço, revelando-se na maioria dos casos, pouco eficazes, podendo limitar o desenvolvimento de características pessoais, como a persistência (Bennett-Pierre et al., 2023). A tecnologia representa outro desafio para a comunicação, uma vez que promove um padrão de isolamento e distração entre membros, que acaba por comprometer tanto a qualidade da comunicação como a qualidade do tempo passado em família (Elias et al., 2021).

De acordo com Holman et al. (2023) a temática da sexualidade é uma dificuldade enfrentada pelos pais na comunicação com os filhos, principalmente no que concerne o medo de providenciar demasiada informação ou a omissão de tópicos importantes; o conflito entre o controlo do conteúdo recebido e a aceitação da influência de fontes externas, como os pares e a internet; o empenho na transmissão de valores sem perpetuar potenciais tabus familiares; e o equilíbrio entre o respeito pela autonomia do filho e o exercício da sua autoridade.

Aliado aos fatores supramencionados, o padrão de comunicação cultivado em casa, é um ponto fulcral, tendo em conta que famílias com uma orientação voltada para o diálogo tendem a promover uma comunicação mais positiva nos filhos, enquanto as que têm um estilo de comunicação assente na conformidade, habitualmente limitam o pensamento crítico e a expressividade dos mesmos (Wang et al., 2019).

No seguimento dos desafios apresentados, é relevante expor o modelo teórico escolhido para uma melhor compreensão dos desafios comunicacionais enfrentados pelas famílias. A Teoria dos Padrões de Comunicação Familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002a) é uma abordagem teórica, baseada na comunicação familiar quotidiana, que tem como intuito explorar e explicar a forma como os significados são construídos e partilhados no contexto familiar. Esta defende que para além da função de transmissão de informação, a comunicação familiar é ainda um processo fundamental para a construção da realidade social partilhada entre os membros da família (Koerner & Schrod, 2014). Baseando-se no facto de que os padrões de comunicação familiar são concebidos cognitivamente como conhecimento declarativo e processual armazenado em esquemas de relacionamento familiar (Koerner et al., 2018). A teoria está assente em duas dimensões fundamentais, sendo estas a orientação para a conversa e a orientação para a conformidade (Koerner et al., 2018).

A primeira diz respeito ao grau no qual as famílias criam um clima em que todos são encorajados a participar nas mais variadas interações de forma livre e sem restrições. Quando uma família tem uma alta orientação para a conversa, estas tendem a interagir entre si de uma

forma espontânea e frequente, sem limitações perante os tópicos discutidos ou o tempo gasto. Em suma, partilham os seus pensamentos e sentimentos, as suas atividades e tomam decisões familiares conjuntas (Koerner & Fitzpatrick, 2002). Considera-se também que famílias que valorizam a conversa tendem a acreditar que a comunicação frequente e aberta é essencial para uma vida familiar gratificante e agradável, sendo que os pais percecionam a comunicação frequente com os filhos como a principal forma de os educar e socializar (Koerner & Schrodt, 2014).

Já no caso da orientação para a conformidade concerne uma comunicação familiar que incentiva um clima tendencialmente homogéneo ao nível de valores, crenças e atitudes (Koerner & Fitzpatrick, 2002). As famílias que possuem valores mais altos nesta dimensão caracterizam-se por ter crenças associadas a uma estrutura familiar tradicional, i.e, existe claramente uma hierarquia e uma coesão familiar. As relações familiares são a prioridade, em detrimento das relações externas e os horários individuais estão coordenados entre membros para priorizar o tempo em família. A comunicação reflete obediência aos pais ou a outras figuras de autoridade e desta forma, as decisões familiares recaem sobre os pais e não incluem todos os membros, sendo expectável que os filhos ajam de acordo com o que foi decidido (Koerner & Fitzpatrick, 2002).

Contudo, estas duas dimensões coexistem e moderam-se, sendo necessário considerar sempre ambas, partindo desse ponto de vista, os autores da teoria definem quatro tipos de famílias qualitativamente distintas: famílias protetoras, consensuais, pluralistas e *laissez-faire* (Koerner & Fitzpatrick, 2002). Estes tipos de família diferenciam-se na forma como comunicam e relativamente ao impacto que a família tem em cada membro (Koerner et al., 2018).

Assim, as famílias consensuais possuem uma elevada orientação quer para a conversa como para a conformidade. Nestas a comunicação é marcada por algum conflito, como a pressão para que haja consenso sem comprometer a hierarquia familiar a par do interesse numa comunicação aberta e na exploração de novas ideias. Este conflito é dissolvido através da escuta ativa por parte dos filhos e do empenho dos pais em explicar as suas crenças, decisões e valores para que adotem uma visão mais próxima das suas. Existe uma demonstração de interesse dos pais para com os filhos e relativamente às suas opiniões, no entanto, as decisões são tomadas pelos progenitores. Os filhos que crescem nestas famílias tendem a aprender a valorizar a conversa familiar e a adotar as crenças e valores dos pais. O conflito é percecionado como

negativo, no entanto, as famílias consensuais procuram praticar uma resolução construtiva (Koerner & Fitzpatrick, 1997).

Famílias com alta orientação para a conversa e baixa para a conformidade, denominam-se como famílias pluralistas. A comunicação nestas é caracterizada por discussões abertas, sem restrições nos temas e abrange todos os membros da família. Os pais não se sentem preocupados em discordar ou em não exercer o seu controlo nos filhos e por isso, as discussões familiares são tidas, tendo em conta as opiniões de cada um e não perante o papel que possuem na família. Desta forma, existe uma permeabilidade dos pais na aceitação das opiniões dos filhos e na permissão da sua participação nas decisões. Os filhos tendem a dar ênfase ao diálogo familiar e acabam por desenvolver competências comunicacionais, autonomia e confiança na capacidade de tomar decisões (Koerner & Fitzpatrick, 1997.)

Famílias denominadas como protetoras têm alta orientação para a conformidade e baixa orientação para a conversa. A comunicação é pautada pela obediência à autoridade parental, tendendo a não existir uma via de comunicação aberta, assim, os pais acreditam que devem ser eles a tomar as decisões, não vendo necessidade de as justificar ou explicar aos seus filhos. O conflito é percebido como uma ameaça sendo por isso, evitado, culminando numa ideia de que os comportamentos da família devem estar alinhados com as normas e interesses dos pais. Dado que a comunicação é pouco praticada e valorizada, as famílias carecem de ferramentas de resolução de problemas e assim, os filhos acabam não só por ter dificuldade e falta de confiança na capacidade de tomar decisões, como também não valorizam a conversa familiar (Koerner & Fitzpatrick, 1997).

Por fim, as famílias com baixa orientação para a conversa e para a conformidade denominam-se de *laissez-faire*. A comunicação restringe-se a poucos tópicos, sendo apática e escassa. Os pais demonstram escasso interesse pelas decisões dos filhos ou em discuti-las, acreditando que devem ser estes a tomá-las. Emocionalmente os membros encontram-se desligados uns dos outros, não valorizando a comunicação nem a conformidade e por isso, não existem muitos conflitos familiares, quando ocorrem recorre-se ao evitamento como estratégia. Os filhos assimilam que a conversa familiar tem pouca importância e que devem tomar as suas próprias decisões, no entanto devido à falta de apoio por parte dos pais, acabam por se questionar acerca da sua capacidade na tomada de decisões (Koerner & Fitzpatrick, 1997).

Jovens Adultos e a Construção da Identidade Sexual

As idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos concernem os jovens adultos, sendo este um período fulcral para a construção de relações íntimas e duradouras, mas também para a consolidação da sua identidade (Cleofas et al., 2022). De acordo com Erikson (1980), os dois grandes conflitos destas fases são entre a identidade e confusão de papéis, bem como, entre a intimidade e o isolamento. Uma resolução saudável da crise de identidade torna-se imprescindível para a capacidade de desenvolver relações interpessoais significativas de forma a existir um bem-estar psicológico e relacional ao longo da vida (Lawford et al., 2020). Indivíduos que apresentam uma identidade coesa tendem a apresentar níveis mais altos de generatividade, intimidade e integridade durante a adultez como no resto da vida (Mitchell et al., 2021). A integração saudável da sexualidade durante esta fase é também uma parte particularmente relevante, dado que se encontra ligada à capacidade de intimidade, autorregulação emocional e representa também a integração e formação da identidade (Brandell & Brown, 2015).

Durante a entrada na idade adulta, existe uma exploração da identidade sexual orientada fundamentalmente para a expressão sexual e a identidade de género. Esta está associada a fatores como as experiências interpessoais, a autoestima e a comunicação familiar durante a adolescência (Cary et al., 2020). Uma comunicação sexual transparente com os pais, gera um nível menor de ansiedade, mais conforto com a sexualidade e níveis mais elevados de autoestima sexual (Denes et al., 2021; Astle & Anders, 2022). O autoconceito sexual positivo surge associado também à autoestima que funciona como fator protetor contra comportamentos de risco a nível sexual e favorece uma expressão afetiva saudável (Ahn & Yang, 2022).

Ao nível da satisfação sexual nesta fase da vida, esta é moldada por fatores como experiências anteriores, intimidade emocional e comunicação sexual. Os jovens adultos que comunicam abertamente com os seus parceiros acabam por relatar uma menor ansiedade e uma maior satisfação ao nível sexual (van de Bongardt & de Graaf, 2020). As relações casuais tendem a oferecer menos satisfação e menos estabilidade emocional do que relações estáveis, especialmente quando as expectativas e as experiências sexuais estão alinhadas (Evans-Paulson et al., 2021a). A satisfação sexual como antes visto, contribui em grande medida para o bem-estar psicológico geral, gerando uma maior auto-estima e uma maior qualidade de vida (Denes et al., 2021).

No que concerne a influência da comunicação acerca da sexualidade durante a adolescência dos filhos, esta parece ter efeitos duradouros na fase adulta, sendo que a literatura nos diz que conversas honestas e sem julgamentos promovem uma maior autoeficácia, assertividade e autoestima sexual (Astle & Anders, 2022; Denes et al., 2021). Em contraste com a ausência de comunicação, ou comunicação marcada por tabus ou vergonha que surge associada a um maior risco de dificuldades na regulação emocional e comportamentos compulsivos na sexualidade (Efrati & Gola, 2019). Características como a aceitação, o apoio emocional e a empatia por parte dos pais tendem a promover um melhor ajustamento psicológico e o desenvolvimento de uma identidade mais integrada (Trost et al., 2019).

De acordo com Zimmerman et al. (2015), jovens que cresceram em contextos culturais mais conservadores, como o caso das famílias religiosas, têm menos abertura comunicacional e mais ansiedade sexual. Ao contrário de formas de parentalidade mais liberais, que incluem tópicos como a autonomia ou o prazer sexual na educação sexual, associadas a um melhor ajustamento quer afetivo como sexual na idade adulta (Mastro & Zimmer-Gembeck, 2017).

A comunicação sexual no contexto familiar é amplamente reconhecida como um fator relevante e protetor no desenvolvimento psicosssexual dos adolescentes, estando associada a uma menor exposição a comportamentos de risco, uma maior literacia sexual e iniciação sexual mais consciente e tardia (Rogers et al., 2015; Widman et al., 2016). Estudos observacionais demonstram que um estilo parental comunicativo, mais empático e bidirecional impacta diretamente a tomada de decisão sexual dos filhos, enquanto que abordagens tendencialmente mais moralistas ou paternalistas estão associadas a uma maior probabilidade de comportamentos sexuais precoces (Rogers et al., 2015). A importância da temática é ainda mais urgente no contexto português, onde um estudo levado a cabo por Ferreira et al. (2022), revela que uma proporção significativa de jovens entre os 14 e os 25 anos, nunca conversou com os pais acerca de temas como a masturbação, linhas de apoio telefónico à sexualidade e consultas acerca da mesma, reforçando por isso não só a atualidade do tema em questão, como a pertinência do mesmo.

Apesar de existir um reconhecimento generalizado da importância da comunicação familiar acerca da sexualidade, a maioria da investigação continua a adotar uma perspetiva centrada nos pais, procurando analisar os conteúdos transmitidos ou o efeito da mesma no comportamento dos filhos. Esta abordagem acaba por negligenciar a forma como os filhos interpretam e vivenciam esta comunicação. Grossman et al. (2017) mostra que frequentemente existe uma divergência entre o que os filhos percecionam ter recebido e aquilo que os pais

acreditam ter comunicado, o que põe em questão a fiabilidade das avaliações baseadas apenas no ponto de vista parental. Holman & Kellas (2015), evidenciam por sua vez que a qualidade da conversa percebida pelos adolescentes é mais preditiva do que a sua frequência em relação às atitudes e comportamentos sexuais. Estudos qualitativos como o de Astle et al. (2022) e o de Kuborn et al. (2023), reforçam esta visão quando colocam a voz nos filhos, concluindo que as principais falhas da comunicação parental foram o moralismo, a abertura e o início tardio destas conversas. Em contextos culturais diversos, como o de jovens latinos (Manago et al., 2015), os filhos relatam a falta de orientação clara por parte dos pais, sentindo-se forçados a recorrer a fontes externas, por vezes pouco fidedignas. Mesmo quando tentam procurar alternativas dentro da família, como tios ou irmãos, o padrão tende a repetir-se, ou seja, a comunicação continua a ser esporádica e limitada, pouco adaptada ao seu desenvolvimento (Grossman et al. 2018).

Esta revisão evidencia, então, uma lacuna consistente e persistente na literatura: o estudo das conversas acerca da sexualidade com o foco nos pais e na sua experiência em detrimento da experiência subjetiva dos filhos como um dos focos centrais da investigação (e.g. Grossman, et al, 2017; Holman & Kellas, 2015; Astle et al., 2022).

Este estudo tem a intenção de analisar o efeito do tipo da comunicação sobre a sexualidade na experiência sexual dos filhos adultos, com enfoque no autoconceito e na satisfação sexual. Para tal, a Teoria dos Padrões de Comunicação Familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002) é utilizada como lente para uma maior compreensão acerca da comunicação entre os pais e filhos acerca da sexualidade, tentando perceber a influência das diferentes orientações da comunicação familiar na experiência sexual dos filhos em idade adulta. Neste contexto, os objetivos específicos são os seguintes: 1) aferir se existem diferenças de perspetivas entre adultos (>25 anos) e jovens adultos (18-25 anos); 2) avaliar se as diferentes orientações da comunicação parental diferem no autoconceito sexual e na comunicação parental acerca da sexualidade; 3) examinar a associação entre comunicação parental e comunicação parental acerca da sexualidade; 4) analisar se a comunicação parental acerca da sexualidade prediz o autoconceito e satisfação sexual dos filhos em idade adulta; 5) explorar a experiência subjetiva dos filhos em idade adulta acerca da influência que a comunicação parental acerca da sexualidade tem na vivência da sexualidade atualmente.

Metodologia

Desenho do estudo

A presente investigação tem por base um estudo misto, ou seja, com uma componente quantitativa e outra qualitativa, tendo um desenho exploratório e transversal de natureza correlacional (Pais Ribeiro, 2010).

Participantes

A amostra é composta por 100 participantes dos quais 80 (80%) se identificam como mulheres, dezassete (17%) como homens e três (3%) como pessoa não binária no intervalo etário dos 18 e 29 anos ($M=22,76$; $DP=2,471$). Relativamente à orientação sexual, 70 (70%) dos participantes são heterossexuais, 21(21%) bissexuais, seis (6%) homossexuais e três (3%) participantes preferem não dizer. Ao nível do estado civil 63 (63%) participantes são solteiros, 33 (33%) são comprometidos, quatro (4%) são casados e um (1%) é divorciado. No que concerne a religião 43 (43%) participantes são católicos, 28 (28%) são ateus, 23 (23%) são agnósticos, dois (2%) são católicos não praticantes, um (1%) é evangélico, um (1%) cristão adventista e um (1%) afirma não ter religião (ver tabela 1).

Tabela 1. *Caracterização Sociodemográfica*

Variáveis	n ou <i>M</i>	(%) ou <i>DP</i>
Idade	22,76	2,47
Género		
Homem	17	17,0
Mulher	80	80,0
Não binário	3	3,0
Estado civil		
Casado	3	3,0
Comprometido	33	33,0
Divorciado	1	1,0
Solteiro	63	63,0
Orientação sexual		
Bissexual	21	21,0
Heterossexual	70	70,0
Homossexual	6	6,0

Prefiro não dizer	3	3,0
Religião		
Agnóstico	23	23,0
Ateu	29	29,0
Católica/o não praticante	2	2,0
Católico	43	43,0
Cristã adventista	1	1,0
Evangélica	1	1,0
Não sei	1	1,0

A amostra quantitativa, não probabilística, foi recolhida por conveniência (Maroco, 2007), através da partilha de um questionário *Google Forms*, nas redes sociais. Ao nível da amostra qualitativa foi recolhida por conveniência (Maroco, 2007) através do convite a amigos mais próximos. Esta é composta por onze participantes entre os 20 anos e os 26 anos, quatro participantes são do género masculino e sete do género feminino.

Os critérios de inclusão para a amostra incidem sobre a idade, para serem aceites como participantes tinham de ter entre 18 e 29 anos de idade e domínio tecnológico; constituíram-se como critérios de exclusão, a existência de doença psiquiátrica ou neurológica e de abuso de substâncias.

Material

Ao nível do protocolo do estudo quantitativo, a primeira fase consistiu na elaboração de um questionário através do *Google Forms* composto por cinco documentos diferentes: (1) Informação do Estudo e Consentimento Informado (descrição e âmbito do estudo, direitos dos participantes, confidencialidade, procedimentos e riscos de participação); (2) questionário sociodemográfico (i.e. idade; sexo biológico, género, orientação sexual, estado civil e religião); (3) questionário acerca da comunicação parental, tendo por base a teoria dos Padrões de Comunicação Familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002), em conjunto com algumas questões acerca do autoconceito sexual, retiradas e adaptadas do Questionário Multidimensional do Autoconceito Sexual de Snell (1995); (4) por fim, a Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida (Pechorro et al. 2015).

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico procurou recolher informações acerca dos participantes de forma a possibilitar uma caracterização mais completa da amostra. É composto por sete itens de resposta fechada e escolha única, o primeiro referente à idade do participante, o segundo em relação ao sexo biológico, o terceiro ao género, o quarto diz respeito à orientação sexual, o quinto referente à religião praticada e por fim o estado civil atual. Nos itens alusivos ao género e à orientação sexual são colocadas como opções de resposta “outro” e “prefiro não dizer” de forma a garantir a inclusão e o respeito pelas diferentes formas de identificação de género e de orientação sexual. Nos itens religião e estado civil existe também a opção de “outro” de forma a não restringir ou forçar respostas que podiam não se adequar à vivência de cada participante.

Questionário de Comunicação Parental e Autoconceito Sexual

O questionário utilizado foi desenvolvido para o presente estudo tendo por base respostas tipo Likert de cinco pontos com o propósito de primeiramente avaliar a comunicação parental de uma perspetiva mais abrangente, tendo por base a teoria dos Padrões de Comunicação Familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002), possuindo itens sobre o envolvimento e a abertura familiar (e.g. “Durante o seu crescimento, em que medida concorda que era membro ativo da sua família, participando nas tomadas de decisão da mesma?”).

Em segundo, o mesmo tem como enfoque a comunicação parental acerca da sexualidade, com o objetivo de avaliar os tópicos que foram abordados durante o crescimento dos participantes, bem como a frequência dos mesmos (e.g. “Ao longo do seu crescimento recorda-se de conversar frequentemente com os seus pais sobre consentimento”; “Ao longo do seu crescimento recorda-se de conversar frequentemente com os seus pais sobre como falar com um parceiro acerca do que está ou não confortável para fazer sexualmente”). A tipologia das conversas é avaliada através de duas perguntas binárias (e.g. “Estas conversas ocorriam de forma bidirecional, com a sua participação ativa ou de forma unidirecional?”; Em que contexto ocorria a conversa, de forma formal ou informal por exemplo, enquanto outras tarefas eram feitas) e uma em escala tipo Likert de cinco pontos [“Estas conversas surgiam com um foco negativo face à sexualidade (maioritariamente os riscos, abstinência, recurso à intimação) ou um foco positivo (sentimentos positivos para com a sexualidade)?”]. O conforto nas conversas quer dos pais individualmente e em conjunto, como dos filhos, a postura parental (Como caracterizava a postura dos seus pais durante essas conversas?) é avaliada em 5 dimensões

(flexibilidade, empatia, aceitação, abertura, interesse nas dúvidas), os sentimentos do filho em relação a essas conversas (e.g. “Sente que as conversas que os seus pais tinham referentes à sexualidade foram adaptando os tópicos consoante a sua fase de desenvolvimento?”) e a satisfação retrospectiva (“Olhando retrospectivamente, sente que os seus pais satisfizeram as suas curiosidades, dúvidas e necessidades acerca da sexualidade?”), tendo sido todas avaliadas em escala tipo Likert de cinco pontos.

Por fim, para o autoconceito sexual foram retirados 23 itens do Questionário Multidimensional do Autoconceito Sexual de Snell (1995) do instrumento adaptado e encurtado para português por Noné (2014) no qual, através de uma escala de Likert de cinco pontos foram avaliadas as dimensões do questionário original, Locus de Controlo Emocional/Dimensão Emocional (e.g. “ Sinto orgulho no modo como lido com as minhas necessidades e desejos sexuais”), Emoções Negativas (e.g. “ Tenho medo de me envolver sexualmente com outra pessoa”), Controlo Futuro (e.g. “A minha sexualidade é algo porque sou largamente responsável”), Motivação Sexual (e.g. “ Sinto-me motivado a dedicar tempo e esforço ao sexo”) e Vigilância (e.g. “ Preocupo-me com o modo como os outros avaliam as minhas convicções e comportamentos sexuais”).

Esta escolha metodológica tem por base, o facto de por um lado não existirem escalas que meçam de forma adequada e abrangente o construto de autoconceito sexual e por a escala adaptada por Noné (2014), apesar de ser mais curta do que a original, ser composta por 50 itens, sendo por isso um questionário extenso. Adicionalmente, a globalidade do questionário constitui-se como uma temática sensível para os participantes e por isso, foi tomada a decisão de utilizar apenas 23 itens, como uma medida preventiva perante: o risco de abandono do mesmo (Mittereder & West, 2022; Chen et al., 2023); a fadiga e a potencial baixa qualidade nas respostas relacionada com a desejabilidade social ou pela sensibilidade do tema em análise (Plutzer, 2019; King, 2022).

O Questionário de Autoconceito Sexual de Snell (1995) foi adaptado e validado para a população portuguesa por Noné (2014). A sensibilidade dos itens foi verificada através das medidas de assimetria (>3) e curtose (>7), ao nível da confiabilidade esta foi avaliada através do *alfa de cronbach* que revelou uma consistência interna excelente (0.91). A validade fatorial foi avaliada através de uma análise fatorial exploratória que demonstrou uma adequabilidade excelente ($KMO=0,95$), tendo resultado em cinco dimensões. A consistência

interna de todas as dimensões foi bastante adequada, com *alfas de cronbach* superiores a 0.80 e um alfa global de 0.91 (Noné, 2014).

Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida (NSSS-S)

A Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida (NSSS-S) é a versão reduzida da escala original (NSSS) e consiste num instrumento de autorresposta que mede a satisfação sexual de mulheres e homens. A versão portuguesa da escala foi traduzida e validada por Pechorro et al. (2016), apresentando doze itens com uma escala de resposta ordinal de cinco pontos (1=nada satisfeito;5=totalmente satisfeito), sendo que a pontuação total é obtida através da soma de todos os itens, valores mais altos indicam níveis mais elevados de satisfação sexual.

No estudo de validação na população portuguesa ($n=298$; Pechorro et al., 2016), a NSSS-S revelou propriedades psicométricas adequadas: a análise fatorial confirmatória corroborou a estrutura fatorial bidimensional da escala original, apresentando um bom nível de fiabilidade total ($\alpha=0,94$) e de consistência interna, demonstrada através do alfa de *Cronbach* $\alpha=0,92$ e $\alpha=0,89$, respetivamente nas subescalas “centração no eu” e “centração no parceiro e na atividade sexual”. Ao nível dos diferentes níveis de validade este também foram garantidos (Pechorro et al. 2016).

Entrevista Semi-Estruturada

A entrevista é de natureza semi-estruturada e a elaboração do guião foi realizado tendo por base a questão de investigação do projeto e a revisão de literatura, é composto pelo consentimento informado, autorização para gravação de entrevista e por duas perguntas (“Considera que a comunicação parental em relação à sexualidade, ao longo do seu crescimento, influenciou de algum modo a sua vivência da sexualidade atualmente? De que forma?”).

Procedimento

O recrutamento da amostra quantitativa foi realizado por conveniência, através da partilha do questionário nas redes sociais (*Whatsapp e Instagram*). O preenchimento do mesmo demorou cerca de quinze minutos e inicialmente, os participantes aceitaram a sua participação no estudo através da leitura do consentimento informado que garantia as questões éticas do trabalho, principalmente a salvaguarda do anonimato, a confidencialidade, a voluntariedade do estudo e a não maleficência; de seguida preencheram a caracterização sociodemográfica, descrita anteriormente; posteriormente completaram as questões referentes à comunicação parental, bem como, algumas perguntas que diziam respeito ao autoconceito sexual; na fase final responderam à NSSS-S. A recolha de dados foi realizada entre 15 de novembro de 2024 e 22 de abril de 2025.

O recrutamento da amostra qualitativa foi realizado através do contacto direto com os participantes no qual foram agendadas as entrevistas. Estas tinham duas modalidades, presencial ou telefónica. Nas entrevistas foi lido o consentimento informado, pedido a gravação da entrevista para futura transcrição, antes da pergunta de entrevista ser lida, foi explicado aos participantes o que se entende por comunicação parental (“Por comunicação parental entende-se qualquer mensagem do(s) teu(s) cuidador(es) sobre sexualidade, seja esta explícita ou implícita durante o seu crescimento.”) e por fim prosseguiu-se com a mesma, em média a entrevista demorava cerca de vinte minutos. A recolha foi realizada entre o dia 21 de agosto de 2025 e o dia 5 de setembro de 2025.

A elegibilidade foi cumprida em ambos os recrutamentos.

Análise de Dados

A análise estatística dos dados quantitativos foi executada através do recurso ao *IBM SPSS Statistics* (versão 31). Desta forma, para o Objetivo um: aferir se existem diferenças nas perspetivas entre jovens adultos e adultos- foi realizada, com recurso ao teste *U de Mann-Whitney* para amostras independentes, uma comparação entre grupos (grupo 1: 18-25 anos; grupo 2: 26-29) face à comunicação parental e à comunicação parental acerca da sexualidade; para o Objetivo dois: comparar se o tipo de família difere na comunicação parental acerca da sexualidade e no autoconceito sexual- realizou-se com recurso ao teste *U de Mann-Whitney* para amostras independentes uma comparação entre o tipo de família (grupo 0: orientada para a conformidade; grupo 1: orientada para a conversação) e a comunicação parental sobre a sexualidade e o autoconceito sexual; para o Objetivo três: examinar a associação entre

comunicação parental e comunicação parental acerca da sexualidade- efetuou-se uma correlação de *Spearman*; para o Objetivo quatro: analisar se a comunicação parental acerca da sexualidade prediz o autoconceito e a satisfação sexual dos filhos em idade adulta- recorreu-se a duas regressões lineares, a primeira entre a comunicação parental sexual e o autoconceito sexual e a segunda entre a comunicação parental sexual e a satisfação sexual.

A análise dos dados qualitativos a par do quinto objetivo do estudo- Representar a experiência subjetiva dos filhos acerca da influência que a comunicação parental sobre a sexualidade tem na vivência da sexualidade atualmente- foi realizada uma Análise Temática Reflexiva, esta escolha foi motivada pela possibilidade de aprofundar em detalhe as experiências dos participantes e pela sua flexibilidade (Braun & Clarke, 2006). Primeiramente importa referir que a abordagem selecionada para este estudo tem como objetivo último, relatar as experiências e significados dos participantes, bem como proporcionar uma descrição detalhada e rica do conjunto dos dados, assente num método de análise dos dados indutivo ou *bottom-up*, ou seja, sem um quadro de codificação pré-existente (Braun & Clarke, 2006).

Ao nível do procedimento da Análise Temática propriamente dita, começou-se por transcrever as entrevistas e atribuir os nomes dos participantes por iniciais, com o propósito de garantir o anonimato e a confidencialidade. Após a transcrição das entrevistas, seguiram-se as seis fases propostas por Braun & Clarke (2006), assim: (1) em conjunto com as transcrições as mesmas foram analisadas cuidadosamente de forma a haver uma familiarização com os dados, nesta fase foram também tiradas notas iniciais e destacados excertos de particular interesse; (2) geraram-se os códigos iniciais, ou seja, foram codificados de forma sistemática todo o conjunto de dados e com recurso ao programa *Microsoft Excel*, listaram-se todos os possíveis códigos e excertos das entrevistas que sustentavam os mesmos; (3) com recurso a tabelas, os códigos iniciais foram organizados em potenciais temas, agregando os dados das entrevistas relevantes para cada tema; (4) procedeu-se em seguida a uma revisão geral, isto é, começou-se por verificar se os excertos codificados formavam um padrão coerente ou não, e em seguida se os temas funcionavam e eram fiéis ao conjunto completo dos dados. Foi nesta fase também que alguns temas foram descartados e outros combinados ou divididos; (5) os temas foram nomeados e definidos, de forma a ficar claro o que cada tema capta e não capta; (6) a última etapa da análise consiste em escolher os excertos relevantes e representativos de cada tema, relacionar a análise com os objetivos do estudo e com a literatura existente e por fim a redação

de um relatório de apresentação dos dados obtidos. Os códigos e temas criados, foram revistos em colaboração com a Orientadora da Dissertação de forma a garantir a validade dos dados.

Tendo em vista o reforço da validade interpretativa dos dados da Análise Temática e uma compreensão mais profunda dos temas obtidos, procedeu-se a uma triangulação teórica, na qual se realizou uma confrontação sistemática dos dados com literatura, de forma identificar possíveis divergências, convergências e expansões teóricas entre os conceitos atuais e os resultados empíricos (Flick, 2004). De acordo com Denzin (1978), por triangulação entende-se a observação do mesmo fenómeno sob diversas perspetivas, permitindo assim que diferentes métodos, teorias, fontes ou investigadores contribuam para um entendimento mais rigoroso e vasto do objeto de estudo. O processo de triangulação dos dados decorreu em quatro etapas: a primeira relaciona-se com a identificação dos temas extraídos das entrevistas e com estes uma pesquisa na literatura por tema; a segunda fase foi maioritariamente de análise da literatura encontrada e de refinamento desta, ou seja, procura dentro da literatura encontrada, de diferentes abordagens teóricas sobre os temas; na terceira fase confrontou-se criticamente os temas empíricos com os contributos da literatura para que fosse possível evidenciar pontos de divergência e convergência; na última fase procurou-se compreender de que forma as perspetivas teóricas podiam enriquecer a leitura dos resultados obtidos (Flick, 2004).

Contudo, importa referir que embora seja importante manter o rigor na condução de uma Análise Temática, esta não deve ser baseada em critérios de replicabilidade ou fiabilidade rígidos como em análises quantitativas, dado que limitam os componentes reflexivos e interpretativos da mesma (Braun & Clarke, 2006).

Resultados

Objetivo Um: Comparação de perspectivas entre jovens adultos e adultos

Para comparar a diferença da comunicação parental acerca da sexualidade entre os filhos mais novos (18 aos 25 anos) e os filhos mais velhos (26 aos 29 anos) foram verificados os pressupostos do teste *T-Student* para amostras independentes, no entanto, apesar dos pressupostos da homogeneidade de variâncias e da independência das observações estarem cumpridos, o pressuposto da normalidade quer da variável comunicação parental ($p < 0.05$), como da comunicação parental acerca da sexualidade ($p < 0.05$) não foi cumprido em ambos os grupos. Assim, recorreu-se à alternativa não paramétrica- teste *U de Mann-Whitney*.

Quando comparado a comunicação parental entre os dois grupos idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre grupos, indicando por isso que este tipo de comunicação ao longo do crescimento dos filhos foi semelhante ($U=442.500$, $z=-0.909$, $p=0.363$).

Já a comparação da comunicação sexual parental entre os dois grupos idade apresentou diferenças estatisticamente significativas entre estes ($U=311.500$, $z=-2.298$, $p=0.02$), sendo possível concluir também que o grupo dos filhos mais novos reportou níveis mais altos de comunicação parental acerca da sexualidade ($n=88$, posto médio=52.96) do que o grupo de filhos mais velhos ($n=12$, posto médio=32.46), contudo a dimensão do efeito foi pequena a moderada ($r=0.23$) indicando que apesar de significativa, podem ter existido outros fatores para além da idade que influenciaram a comunicação sexual parental.

Tabela 2

Comunicação parental e comunicação sexual parental- Jovens Adultos vs Adultos

	<i>U</i>	Posto médio jovens adultos	Posto médio adultos	<i>p</i>	<i>r</i>
Comunicação Parental	442,500	51,47	43,38	0,363	
Comunicação Sexual Parental	311,500	52,96	32,46	0,022	0,23

Nota. *U*= U Mann-Whitney; *r*= dimensão do efeito;
Nível de significância a 0.05

Objetivo Dois: Comparar se as diferentes orientações da comunicação parental diferem no autoconceito sexual e na comunicação parental acerca da sexualidade

De forma a verificar se o tipo de família- grupo 0 orientada para a conformidade, grupo 1 orientada para a conversação- impacta a comunicação parental acerca da sexualidade, recorreu-se ao teste U de Mann-Whitney, tendo-se encontrado diferenças estatisticamente significativas ($U=1678.000$; $z=3.017$; $p=0.003$). O grupo 1- família orientada para a conversação- apresentou níveis mais elevados de comunicação sexual com os pais durante o crescimento ($n=54$; posto médio= 59.98) do que o grupo 0 ($n=46$; posto médio= 42.43). Ao nível da dimensão do efeito o mesmo foi moderado ($r=0.302$).

Tabela 3

Comunicação sexual parental- Família orientada para conformidade vs. Família orientada para conversação

	<i>U</i>	Posto médio tipo de família 0	Posto médio tipo de família 1	<i>p</i>	<i>r</i>
Comunicação Sexual Parental	1678,000	42,43	59,98	0,003	0,302

Nota. U = U Mann-Whitney; r = dimensão do efeito
Nível de significância a 0.05

Procurou-se também perceber se o tipo de família tinha impacto no autoconceito sexual dos filhos. Neste sentido, recorreu-se ao teste *T-student* para amostras independentes, que identificou diferenças estatisticamente significativas entre grupos ($t(98)=-2.052$, $p=0.043$), sendo que o grupo 1 ($M=3.929$; $DP=0.717$) apresentou níveis mais elevados de autoconceito sexual comparativamente ao grupo 0 ($M=3.591$; $DP=0.898$). Relativamente à dimensão do efeito a mesma é moderada ($d=0.412$).

No que concerne os pressupostos do teste *T-student*, a independências das amostras foi garantida dado que cada participante pertenceu apenas a um grupo. O pressuposto da normalidade foi verificado através do teste de *Kolmogorov-Smirnov*, não existindo desvios significativos da normalidade ($K-S$ grupo 0: $D=0.105$; $p=0.200$; grupo 1: $D=0.124$; $p=0.072$). Relativamente à homogeneidade das variâncias, recorreu-se ao teste de Levene que demonstrou a possibilidade de assumir igualdade de variâncias ($F(1,98)=3.755$; $p=0.056$)

Tabela 4

Autoconceito Sexual- Família orientada para conformidade vs. Família orientada para a conversa

	Grupo	N	M (DP)	F(gl)	p Levene	T (gl)	p	d
Autoconceito Sexual	0	54	3,592 (0,898)	F(1,98)= 3,76	0,056	- 2, 05	0,043	-0,41
	1	46	3,929 (0,717)					

Nota. N= número de participantes por grupo; M=média; DP=desvio-padrão; F(gl)=valor de F e graus de liberdade do teste de Levene; T(gl)=valor de t e graus de liberdade; d=tamanho do efeito (Cohen's d).

Nível de significância a 0.05

Objetivo Três: Compreender a existência de uma associação entre comunicação parental e da comunicação parental acerca da sexualidade

Para compreender se a comunicação parental se encontra associada à comunicação parental acerca da sexualidade efetuou-se uma correlação de *Spearman*. Os resultados demonstraram uma correlação positiva moderada e estatisticamente significativa entre as duas variáveis, $\rho(98)=0.424$, $p<0.001$, sugerindo que níveis mais elevados de comunicação parental estão também associados a níveis mais elevados de comunicação acerca da sexualidade.

Tabela 5

Correlação de Spearman- Comunicação Parental e Comunicação Parental acerca da Sexualidade (N=100)

Variáveis	ρ	p
Comunicação Parental ↔ Comunicação Parental Sexual	0,042	< 0,001*

Nota. ρ = coeficiente de correlação de *Spearman*

Nível de significância a < 0.01

Objetivo Quatro: Perceber se a comunicação parental acerca da sexualidade prediz o autoconceito e satisfação sexual dos filhos em idade adulta

De forma a compreender de que forma a comunicação parental acerca da sexualidade influencia a vivência sexual, foram conduzidas duas regressões lineares simples, considerando como variáveis dependentes o autoconceito sexual e a satisfação sexual dos filhos em idade adulta. Os resultados destas serão apresentados em conjunto, pois refletem diferentes dimensões do construto vivência da sexualidade.

Os pressupostos da regressão linear foram verificados. Sendo possível concluir que a relação entre a variável preditora e as variáveis dependentes é aproximadamente linear, demonstrada nos diagramas de dispersão e nos gráficos de resíduos versus valores preditos. A independência dos erros foi validada pelos valores de Durbin-Watson (Autoconceito Sexual:1.708; Satisfação Sexual:1.999). A visualização dos histogramas e dos gráficos P-P dos resíduos padronizados demonstrou uma distribuição aproximadamente normal, sem desvios severos nas caudas; em adição, os resíduos “estudentizados” mantiveram-se dentro do limite aceitável (|3|). Os valores dos resíduos “estudentizados” em conjunto com a observação da Distância de *Cook* que apresentou valores inferiores a 1, permitiram concluir que não foram identificados outliers influentes, confirmando o pressuposto da ausência de outliers. A homocedasticidade foi verificada pela ausência de padrões em “funil” nos gráficos de resíduos versus preditos. Deste modo, tendo em conta as recomendações de Field (2018) e Marôco (2007), que argumentam que a regressão linear é robusta a pequenas violações e que a normalidade dos resíduos deve ser entendida de forma aproximada, os pressupostos da regressão linear foram cumpridos para ambos os modelos.

O modelo relativo ao autoconceito sexual foi significativo, $F(1,98)=8.45$, $p=0.005$, explicando cerca de 7% da variância (R^2 ajustado=0.070). A comunicação parental acerca da sexualidade revelou-se assim um preditor significativo e positivo ($\beta=0.282$, $p=0.005$), indicando que níveis mais elevados de comunicação parental sexual estão associados a um autoconceito sexual mais positivo.

No segundo modelo, tendo como variável dependente a satisfação sexual, avaliada através da NSSS-S, também se revelou significativo $F(1,98)=5.91$, $p=0.017$, explicando cerca de 4,7% da variância (R^2 ajustado=0.047). A comunicação sexual parental apresentou-se

novamente como um preditor positivos ($\beta=0.239$, $p=0.017$), sugerindo que níveis mais altos de comunicação sexual parental se associam a uma maior satisfação sexual.

Tabela 6

Regressões Lineares- Comunicação acerca da Sexualidade e as Dimensões da Vivência Sexual

Variável Dependente	R	R²	R² ajustado	F (1,98)	p	β (Comunicação Parental Sexual)	p(β)
Autoconceito sexual	0.282	0.079	0.070	8.45	0.005	0.282	0.005
Satisfação Sexual	0.239	0.057	0.070	5.91	0.017	0.239	0.017

Nota. R=coeficiente de correlação; R²=coeficiente de determinação; R² ajustado=coeficiente de determinação ajustado; F(gl)=valor de F e graus de liberdade; p=valor de significância; β =coeficiente de regressão padronizado; p(β)=valor de significância associado a β .

Nível de significância $\alpha < 0.05$

Objetivo Seis: Representar a experiência subjetiva dos filhos acerca da influência que a comunicação parental sobre a sexualidade tem na vivência da sua sexualidade atualmente

Os resultados qualitativos estão assentes na análise temática das onze entrevistas realizadas. Com estes procura-se dar a conhecer a experiência subjetiva dos filhos em idade adulta quanto à influência da comunicação parental acerca da sexualidade na vivência da sua sexualidade na idade adulta e de qual o impacto sentido por estes.

Assim e após a análise, obtivemos seis temas mutuamente exclusivos, que emergiram das entrevistas. Desta forma, a apresentação dos resultados encontra-se dividida por tema: Tema Um: “Abertura parental como promotora de naturalidade e segurança”, Tema Dois: “Obstáculos à comunicação”, Tema Três: “Fontes de comunicação extrafamiliar”, Tema Quatro: “Insegurança vs Segurança como resultado da comunicação”, Tema Cinco: “Influência de fatores socioculturais na comunicação”, Tema Seis: “Comunicação parental desajustada”.

Tema Um: Abertura parental como promotora de naturalidade e segurança

Este tema, surge em 27% das entrevistas e agrega narrativas nas quais a presença de uma comunicação aberta, ainda que por vezes focada em tópicos associados aos riscos na sexualidade, foi descrita como promotora de segurança, vivência positiva e naturalidade da

sexualidade. As figuras maternas foram as mais destacadas como principais responsáveis por esta abertura, que culminou para os filhos numa maior transparência e sensação de conforto na exploração e na expressão de intimidade.

“O facto da minha mãe ter abertura sobre o tema fez com que vivesse a minha sexualidade de uma forma mais positiva, não com tantos medos ou receios” (E1)

“Os tópicos eram maioritariamente ao nível dos riscos, o que me fez ter maior consciência” (E5)

Tema Dois: Obstáculos à comunicação

Em contraste ao primeiro tema, surgiram relatos de silêncio parental, ausência paterna especialmente da figura paterna, tabu internalizado e vergonha persistente. Estes obstáculos criaram desafios na expressão da intimidade e confirmaram a manutenção da perceção de que a sexualidade se constitui um tema interdito. A dificuldade em conversar com os pais foi identificada como um obstáculo que se estendeu para as relações interpessoais na idade adulta, reforçando os sentimentos de insegurança e constrangimento. Este tema foi relatado por mais de metade dos entrevistados (56%).

“Já a comunicação com o meu pai foi inexistente e inicialmente senti que era um tema mais complexo e fez com que eu não sentisse tanta confiança em mim ou no outro.” (E1)

“Nunca tive conversas explícitas sobre a sexualidade com os meus pais.” (E4)

“Não foi um tema falado abertamente em casa, parecia uma coisa que não se podia falar em mais lado nenhum.” (E6)

“(…) eu acho que existe uma certa barreira entre eu conseguir expressar-me para os meus pais e eles conseguirem compreender-me e eu acho que isto cria dificuldade pessoal em as vezes conseguir comunicar-me ou expressar-me sobre certos temas mais íntimos como a sexualidade.” (E2)

Tema Três: Fontes de comunicação extrafamiliar

A ausência ou insuficiência sentida pelos filhos da comunicação parental levou-os a procurar informação noutras fontes, como a escola, os pares ou os meios digitais. Embora estas fontes tenham ajudado a combater algumas lacunas, 36% dos filhos relataram que ainda assim estes não substituíram a necessidade de existir um espaço de diálogo familiar.

“Ao longo do crescimento apesar de haver conversas sobre sexo no geral, não sinto que tenham sido voltadas para a educação sexual (...). A questão da sexualidade e temas sobre a mesma para mim parte muito de pares e outras fontes, o que considero que foi o que mais me influenciou” (E2).

“Acho que aprendi mais com amigos, pessoas da minha idade na altura ou na escola e por isso sinto que não teve muita influência.” (E8)

“(...) não sabia nada de nada, e o que sei até hoje foi porque fui procurar sozinho. Obviamente que fui procurar a sites porno (...), mas ver aquilo sempre me deixou muito desconfortável, e passado algum tempo comecei a procurar noutros sítios e (...) deu para aprender alguma coisa, mas mesmo assim faltava-me muita informação.” (E9)

Tema Quatro: Insegurança vs Segurança como resultado da comunicação

As experiências de comunicação ou da ausência desta, foram associadas a consequências emocionais e relacionais por 36% dos participantes. Assim, foram identificados dois padrões principais. O primeiro marcado por sentimentos de insegurança, ansiedade e dificuldade na vivência da sexualidade, que resultam da inadequação ou ausência da comunicação parental. O segundo pautado por sentimentos de confiança e maior segurança na expressão da sexualidade. Esta dualidade parece refletir o papel mediador da comunicação parental acerca da sexualidade, na forma como os filhos se posicionam nas relações sexuais e afetivas.

“Atualmente faz com que eu viva a sexualidade de uma forma livre e natural e mesmo com os meus parceiros sinto que consigo ter mais transparência e honestidade com o tema, principalmente pela experiência que tive com a minha mãe.” (E1)

“Este tabu traduz-se num receio de viver a sexualidade e esclarecer as dúvidas que tenho.” (E3)

“Continuo a experienciar sentimentos de vergonha quando expresso os meus desejos.” (E4)

“Só consegui desconstruir a sexualidade na faculdade. Ou seja, em termos de influência de comportamento, acho que foi uma das razões que me levou a descobrir-me a mim própria bastante mais tarde” (E6)

Tema Cinco: Influência de fatores socioculturais na comunicação

As entrevistas também demonstraram como as normas religiosas, morais e culturais impactaram a forma dos pais abordarem a sexualidade. A influência de valores religiosos e a ausência de demonstrações de afeto entre o casal contribuíram para a perpetuação de um discurso limitativo e para o condicionamento da expressão emocional. Por sua vez, esta influência que surgiu em 27% das entrevistas, denota o peso dos contextos socioculturais na comunicação familiar.

“A sexualidade sempre foi um tema tabu devido às crenças religiosas (...) fez-me olhar para a sexualidade como um pecado” (E7)

“entre os meus pais eu não via demonstrações de afeto propriamente, (...) e acho que pode ser por aí que em parte influenciou.” (E4)

Tema Seis: Comunicação parental desajustada

Como último tema, foi identificadas situações nas quais a comunicação parental, embora existente, foi percebida como excessiva ou desajustada. Uma abordagem vivida como intrusiva ou o excesso de detalhe nas conversas causaram sentimentos de repulsa e desconforto. Este tema apesar de só ter sido relatado por 9% dos entrevistados, torna-se particularmente relevante pelo facto de que a presença da comunicação não garante por si só benefícios.

“(...) comunicação principalmente do lado da minha mãe ter sido demasiado explícita e desmedida, no sentido do vocabulário utilizado, na frequência das conversas e no excesso de pormenores, que não acrescentavam informação. Este tipo de comunicação contribuiu para que me sentisse mais enojado sobre certas formas de falar da sexualidade.” (E11)

Tabela 7*Tabela Resumo da Análise Qualitativa*

Denominação	Conteúdo	Exemplo
Tema 1: Abertura parental como promotora de naturalidade e segurança	Situações nas quais os cuidadores abordaram sexualidade de forma transparente e aberta. A abertura surge associada principalmente à figura materna e foi vista como uma forma de cuidado. Esta por sua vez permitiu que os filhos desenvolvessem sentimentos de confiança, capacidade de naturalidade na expressão da sua sexualidade, funcionando por isso como um fator protetor para os mesmos	<p>“O facto da minha mãe ter abertura sobre o tema fez com que vivesse a minha sexualidade de uma forma mais positiva, não com tantos medos ou receios” (E1)</p> <p>“Os tópicos eram maioritariamente ao nível dos riscos, o que me fez ter maior consciência” (E5)</p>
Tema 2: Obstáculos à Comunicação	Situações em que a sexualidade foi tratada como tabu ou não abordada, criando um sentimento de distanciamento parental. Apresenta-se como um dos temas mais recorrentes, sendo relatado pelos filhos como a existência de uma dificuldade e vergonha persistente em abordar a sexualidade dentro da família. Esta abordagem moldou a forma como os filhos vivem a sua sexualidade, i.e, de forma insegura, constrangida e com dificuldades na comunicação e partilha de intimidade em contextos relacionais.	<p>“Já a comunicação com o meu pai foi inexistente e inicialmente senti que era um tema mais complexo e fez com que eu não sentisse tanta confiança em mim ou no outro.” (E1)</p> <p>“Nunca tive conversas explícitas sobre a sexualidade com os meus pais.” (E4)</p> <p>“Não foi um tema falado abertamente em casa, parecia uma coisa que não se podia falar em mais lado nenhum.” (E6)</p> <p>“(…) eu acho que existe uma certa barreira entre eu conseguir expressar-me para os meus pais e eles conseguirem compreender-me e eu acho que isto cria dificuldade pessoal em as vezes conseguir comunicar-me ou expressar-me sobre certos temas mais íntimos como a sexualidade.” (E2)</p>
Tema 3: Fontes de comunicação extrafamiliar	Procura de informação e fontes de referência fora do núcleo familiar, função de complementaridade ou substituição à comunicação	“Ao longo do crescimento apesar de haver conversas sobre sexo no geral, não sinto que tenham sido voltadas para a educação sexual (...). A

Tema 4: Insegurança vs
Segurança como resultado
da comunicação

parental. Ao longo das entrevistas destacaram-se o papel dos pais, da internet e da escola. Estas fontes alternativas colmataram algumas lacunas, no entanto foram relatadas como problemáticas e insuficientes, contribuindo para um sentimento de percepções distorcidas da sexualidade e um conhecimento fragmentado.

Consequências relacionais e emocionais da ausência da comunicação parental acerca da sexualidade. Nas entrevistas o tema apareceu de forma contrastante. Quando inadequada ou inexistente, os participantes associaram a sentimentos de ansiedade, insegurança e dificuldades na intimidade. Quando percebida como positiva a comunicação foi relatada como promotora de confiança e de bem-estar na vivência da sexualidade.

questão da sexualidade e temas sobre a mesma para mim parte muito de pais e outras fontes, o que considero que foi o que mais me influenciou” (E2).

“Acho que aprendi mais com amigos, pessoas da minha idade na altura ou na escola e por isso sinto que não teve muita influência.” (E8)

“(…) não sabia nada de nada, e o que sei até hoje foi porque fui procurar sozinho. Obviamente que fui procurar a sites porno (...), mas ver aquilo sempre me deixou muito desconfortável, e passado algum tempo comecei a procurar noutros sítios e (...) deu para aprender alguma coisa, mas mesmo assim faltava-me muita informação.” (E9)

“Atualmente faz com que eu viva a sexualidade de uma forma livre e natural e mesmo com os meus parceiros sinto que consigo ter mais transparência e honestidade com o tema, principalmente pela experiência que tive com a minha mãe.” (E1)

“Este tabu traduz-se num receio de viver a sexualidade e esclarecer as dúvidas que tenho.” (E3)

“Continuo a experienciar sentimentos de vergonha quando expresso os meus desejos.” (E4)

“Só consegui desconstruir a sexualidade na faculdade. Ou seja, em termos de influência de comportamento, acho que foi uma das razões que me levou a descobrir-me a mim própria bastante mais tarde” (E6)

Tema 5: Influência de fatores socioculturais na comunicação	Evidencia o papel das crenças religiosas, das normas culturais e da ausência de demonstrações de afeto dos pais e como estas se refletem na vivência atual da sexualidade. Reforçaram tabus, condicionando a expressão emocional e a abertura sexual dos filhos	“A sexualidade sempre foi um tema tabu devido às crenças religiosas (...) fez-me olhar para a sexualidade como um pecado” (E7) “entre os meus pais eu não via demonstrações de afeto propriamente, (...) e acho que pode ser por aí que em parte influenciou.” (E4)
Tema 6: Comunicação Parental Desajustada	Situações nas quais apesar da existência de comunicação a mesma foi percebida como intrusiva ou inadequada. Releva a importância da adequação dos tópicos à idade e das características específicas da comunicação parental em si, não bastando por isso a mera existência de comunicação.	“(...) comunicação principalmente do lado da minha mãe ter sido demasiado explícita e desmedida, no sentido do vocabulário utilizado, na frequência das conversas e no excesso de pormenores, que não acrescentavam informação. Este tipo de comunicação contribuiu para que me sentisse mais enojado sobre certas formas de falar da sexualidade.” (E11)

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal compreender o impacto da comunicação parental acerca da sexualidade com os filhos na sua experiência da sexualidade em idade adulta, em particular no que concerne o autoconceito e a satisfação sexual. Os resultados permitem confirmar que a comunicação parental, especialmente quando esta é aberta e pautada por bidirecionalidade, se constitui como um fator relevante para os filhos desenvolverem uma vivência sexual segura, positiva e ajustada do ponto de vista emocional. Ainda que este tema seja vastamente explorado na literatura global, este trabalho acrescenta à investigação atual, evidência empírica no contexto português e uma articulação entre perspetivas quantitativas e qualitativas.

Os resultados obtidos mostram que a comunicação parental acerca da sexualidade foi maior nos jovens adultos (18 aos 25 anos) do que nos adultos (26 aos 29 anos). Estes são consistentes com a literatura, a qual apresenta uma mudança geracional passada na última década dando uma maior visibilidade social e mediática quer para a educação sexual como para a normalização de conversas acerca da sexualidade, ultrapassando tópicos focados apenas na saúde sexual e planeamento familiar para um foco mais positivo na sexualidade através da integração de temas como o prazer sexual, a diversidade sexual e o consentimento (Newlands et al., 2020; Ward et al., 2022). Contudo, o tamanho do efeito moderado a pequeno, sugere que outros fatores, como as normas culturais e de género, a qualidade relação pais-filhos e a religiosidade possam influenciar o conteúdo e a frequência das conversas (Potki et al., 2017; Ndugga et al., 2023). As dimensões contextuais foram amplamente referenciadas em estudos recentes em que a socialização sexual é descrita como um processo ecológico, formada por múltiplas camadas de influências (Nimbi et al., 2021).

A associação significativa encontrada entre famílias orientadas para a conversação e níveis mais elevados de comunicação parental sobre a sexualidade e de um nível de autoconceito sexual mais elevado nos filhos, apresenta-se consistente com o modelo dos Padrões de Comunicação Familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002). Estudos recentes demonstram que as famílias com uma elevada orientação para a conversa, para além de favorecerem a autoexpressão, auxiliam ainda o desenvolvimento de autonomia e a criação de suporte emocional, sendo por isso possível criar um clima comunicacional mais seguro no qual é confortável abordar temas sensíveis com um menor nível de constrangimento (Thomas & Hovick, 2021; Watts & Hovick, 2021; Gong et al., 2023). Contrariamente, as famílias mais orientadas para a conformidade têm tendência para reproduzir normas impostas, evitando o

diálogo e limitando a exploração de temas considerados tabus, o qual está associado a níveis mais baixos quer de bem-estar relacional como emocional (Ndugga et al., 2023; Ward, 2022). A aplicação do modelo de Padrões de Comunicação Familiar em contextos de saúde concluíram que: famílias com níveis mais altos de conversa, promovem uma maior partilha entre membros e discussão de temas íntimos (Thomas et al., 2021), e que estes tipos de famílias facilitam também o processamento de informações mais sensíveis (Watts et al., 2023). Sendo possível verificar que este modelo poderá adequar-se também à sexualidade, dado que o estilo comunicacional apreendido em casa tende a ser reproduzido nas restantes relações (Koerner & Fitzpatrick, 2002; Gong et al., 2023).

A existência de uma correlação positiva entre a comunicação parental geral e a comunicação parental acerca da sexualidade, indica mais uma vez que um clima comunicacional pautado pela abertura surge como um facilitador de conversa sobre a sexualidade- ainda que a literatura sublinhe que a qualidade dessas conversas depende também da intencionalidade parental e do foco positivo na sexualidade (Widman et al., 2016; Grossman & Richer, 2021). Os resultados das regressões lineares apresentaram que níveis mais altos de comunicação parental acerca da sexualidade predizem positivamente tanto a satisfação sexual como o autoconceito sexual dos filhos adultos. Estes resultados vão de encontro à evidência de que uma comunicação aberta e desprovida de julgamentos consiste num fator protetor de ajustamento relacional e sexual (Hensel et al., 2011; Widman et al., 2016; Nimbi et al., 2021). Widman et al., (2016) na sua meta-análise encontraram associações positivas e consistentes entre conversas parentais acerca da sexualidade e comportamentos sexuais seguros dos filhos.

Não obstante a variância explicada pelos modelos de regressão ser moderada, é fulcral olhar para a sexualidade como um fenómeno multifatorial, influenciado por dimensões socioculturais, biológicas e psicológicas (Potki et al., 2017; Newland et al., 2020). Desta forma, a comunicação parental pode ser compreendida como um dos vários mecanismos de socialização sexual que interagem ao longo do desenvolvimento da identidade sexual dos filhos. Hensel et al., (2011) alinham-se com os resultados encontrados, dado que para além de considerarem o autoconceito sexual como uma interação entre as dimensões ansiedade, autoestima e abertura sexual, concluem também que estas são influenciadas de forma repetida pelas experiências relacionais precoces com os pais.

A análise qualitativa teve como propósito, complementar e aprofundar os resultados quantitativos, salientando a forma como os significados atribuídos à comunicação parental

influenciam atualmente a vivência sexual dos filhos. Uma forma de comunicar empática, em específico da figura materna, promove a longo prazo uma maior confiança e transparência na comunicação com parceiros. A figura materna surgiu como principal responsável por esta abertura, o que se revela em concordância com as investigações que relatam uma tendência maior destas figuras para abordar temas sexuais e afetivos com os filhos (Lefkowitz & Stoppa, 2006; Santa Maria et al., 2014). Contrariamente, o silêncio e o tabu parental promoveram padrões ansiosos, inseguros e de vergonha, prolongando-se não só para as relações na adultícia, mas num receio de viver e expressar a própria sexualidade. Esta descoberta encontra-se em consonância com a literatura, que salienta que muitas vezes os silêncios familiares e as mensagens carregadas de julgamento podem gerar uma internalização de *scripts* sexuais repressivos e dificuldade na comunicação de limites e desejos no contexto íntimo (Ward, 2022; Nimbi et al., 2021). Ainda surgiram relatos de que a comunicação parental foi percebida como desajustada, causando repulsa e evitamento do tema, o que levanta a possibilidade de que a simples existência do diálogo por si só não se torna suficiente. Esta descoberta reforça a ideia de que uma comunicação eficaz se encontra mais relacionada com a qualidade, ou seja, uma comunicação empática, adequada e com respeito pelos limites dos filhos, do que com a mera existência e frequência da mesma (Santa Maria et al., 2014; Nimbi et al., 2021). Quando a comunicação parental é inexistente ou insuficiente, os filhos tendem a recorrer a fontes de informação extrafamiliares, como os pares, internet ou a escola, fontes que embora sejam úteis, não substituem o papel dos cuidadores na formação sexual e por vezes confundem ainda mais os filhos do que os esclarecem (Fortenberry, 2014; Grossman & Ritcher, 2018).

O estudo apresenta algumas limitações. Nomeadamente ao nível da amostra, recrutada por conveniência e predominantemente feminina, o que limita a generalização e as comparações entre géneros. O desenho transversal impossibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre a comunicação parental acerca da sexualidade e a vivência sexual dos filhos. O questionário de comunicação parental sobre sexualidade, embora esteja teoricamente fundamentado, deve ser validado. Por fim, algumas variáveis como a educação sexual formal, a qualidade da relação romântica e a orientação sexual não foram controladas, podendo atuar como moderadoras ou mediadoras das relações observadas (Newlands et al., 2020; Ward, 2022; Ndugga et al., 2023).

O presente estudo contribui para preencher algumas lacunas teóricas e empíricas identificadas na literatura recente. Em primeiro lugar, desloca o foco da adolescência e do relato parental, para o início da adultez que se constitui como uma fase pouco estudada neste âmbito,

abrindo espaço para o estudo dos efeitos a longo prazo da comunicação parental sobre a sexualidade nos filhos (Bibby et al., 2023). Em segundo lugar, adota uma abordagem mista, integrando dados quantitativos e qualitativos, de modo a garantir uma compreensão não só de tendências gerais, mas também das experiências subjetivas. Por fim, operacionaliza dimensões específicas e pouco exploradas da comunicação sexual parental, como a bidirecionalidade, a adequação ao desenvolvimento e o foco positivo, criando avanços para a compreensão do construto e levantando a necessidade de instrumentos mais refinados de avaliação (Astle et al., 2023).

Ao nível das implicações teóricas, os resultados reforçam a importância de uma abordagem biopsicossocial e sistêmica da sexualidade. A qualidade do processo de comunicação- empatia, abertura, foco positivo e adequação- parece constituir o elemento central através do qual os padrões familiares tendem a influenciar o autoconceito e satisfação sexual (Nimbi et al., 2021). Estas descobertas dão a possibilidade de ampliar os modelos de socialização sexual, demonstrando que a transmissão de valores e crenças ao nível da sexualidade ocorre de maneira intergeracional e dinâmica, em ligação com as práticas comunicacionais e pela afetividade do contexto familiar (Koerner & Fitzpatrick, 2002; Thomas et al., 2021).

A um nível mais prático, os dados obtidos revelam a importância de programas de formação parental que promovam competências comunicacionais, com base na escuta ativa, linguagem desprovida de julgamentos e crenças, adequação de temas consoante o desenvolvimento da criança e do adolescente (Dodson et al., 2023). Em contexto educativo, poderia ser interessante a integração da família nos programas de educação sexual de forma a reforçar a coerência entre temas, promovendo uma literacia sexual mais holística e coesa (Widman et al., 2016; Ward, 2022). Na prática clínica, sexólogos e terapeutas familiares podem explorar narrativas intergeracionais acerca da sexualidade de forma a ser possível ressignificar tabus e favorecer uma construção identitária mais positiva a nível sexual (Nimbi et al., 2021).

No que diz respeito a direções futuras, seria útil investigações que adotem desenhos longitudinais, para que seja possível clarificar a direção causal entre comunicação parental sobre a sexualidade e as experiências sexuais dos filhos. Seria igualmente relevante proceder à criação e validação de um questionário de comunicação sexual parental atual. Por fim, estudos qualitativos diádicos, que envolvam pais e filhos para que seja possível explorar congruências e incongruências das perceções e aprofundar processos transgeracionais de comunicação (Grossman et al., 2021; Bibby et al., 2023).

Conclusão

Os resultados do estudo permitiram alcançar os objetivos propostos inicialmente, evidenciando o papel central da comunicação parental sobre a sexualidade na experiência sexual dos filhos em idade adulta. No que concerne o primeiro objetivo, verificou-se uma frequência maior de comunicação parental acerca da sexualidade nos filhos mais jovens, refletindo uma mudança geracional pautada por uma maior abertura e visibilidade do tema sexualidade (Newlands et al., 2020; Ward et al., 2022). A par do segundo objetivo, o estudo concluiu que famílias com elevada orientação para a conversa garantem também níveis superiores de comunicação sobre a sexualidade e um maior autoconceito sexual dos filhos (Gong et al., 2023). Relativamente ao terceiro objetivo, a associação encontrada entre comunicação parental geral e comunicação acerca da sexualidade é positiva, reforçando a necessidade de um clima familiar aberto como facilitador da expressão de temas íntimos (Widman et al., 2016; Grossman & Richer, 2021). Em consonância com o quarto objetivo, conclui-se também que níveis mais altos de comunicação parental sobre sexualidade predizem um maior autoconceito e satisfação sexual dos filhos. O quinto objetivo do estudo demonstrou que uma comunicação empática favorece relações mais seguras na adultez, enquanto o julgamento e o silêncio parental levam muitas vezes a sentimentos de vergonha e evitamento da vivência sexual. Sublinhando também a importância de promover práticas parentais sintonizadas e adaptadas às necessidades dos filhos em integração com os diferentes contextos nos quais estes se inserem (Ward, 2022; Dodson et al., 2023). Em suma, este estudo contribui para a compreensão do papel da comunicação parental na formação da experiência sexual adulta, evidenciando a necessidade de aprofundar esta temática em contexto nacional. Compreender como se fala de sexualidade em família constitui, em última análise, entender também como a identidade sexual se constrói ao longo do desenvolvimento.

Referências

- A. McGahuey, Alan J. Gelenberg, Cin, C. (2000). The Arizona Sexual Experience Scale (ASEX): Reliability and Validity. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(1), 25–40. <https://doi.org/10.1080/009262300278623>
- Ahn, J., & Yang, Y. (2022). Relationship Between Self-Esteem and Risky Sexual Behavior among Adolescents and Young Adults: A Systematic Review. *American Journal of Sexuality Education*, 18(3), 1–20. <https://doi.org/10.1080/15546128.2022.2118199>
- Ana Paula Relvas. (1996). *O ciclo vital da família : perspectiva sistêmica*. Edições Afrontamento.
- Antičević, V., Jokić-Begić, N., & Britvić, D. (2017). Sexual self-concept, sexual satisfaction, and attachment among single and coupled individuals. *Personal Relationships*, 24(4), 858–868.
- Astle, S. M., & Anders, K. M. (2022). The Relationship Between Topic-Specific Quality of Parent–Child Sexual Communication and Measures of Sexual Self-Concept and Sexual Subjectivity. *The Journal of Sex Research*, 1–13. <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2081312>
- Astle, S., Anders, K. M., McAllister, P., Hanna-Walker, V., & Yelland, E. (2023). The Conceptualization and Measurement of Sexual Self-Concept and Sexual Self-Schema: A Systematic Literature Review. *Journal of Sex Research*, 1–12. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2244937>
- Astle, S., McAllister, P., Emanuels, S., Rogers, J., Toews, M., & Yazedjian, A. (2021). Just Be Open About It or Turn Up the Radio: A Qualitative Analysis of Parent-Child Sexual Communication Experiences in Adolescence. *Sexuality Research and Social Policy*, 19(1), 133–146. <https://doi.org/10.1007/s13178-020-00530-1>
- Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. F. Angeli.
- Bennett-Pierre, G., Weinraub, M., Newcombe, N. S., & Gunderson, E. A. (2023). “This is hard!” Children’s and parents’ talk about difficulty during dyadic interactions. *Developmental Psychology*, 59(7), 1268–1282. <https://doi.org/10.1037/dev0001555>
- Brandell, J. R., & Brown, S. (2015). The New “Bridge to Adulthood”: Searching for Meaning and Cohesion in the Nexus of “Hook-ups,” Internet Porn, and Instant

- Messages. *Smith College Studies in Social Work*, 85(4), 387–408. <https://doi.org/10.1080/00377317.2015.1089676>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using Thematic Analysis in Psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Cary, K. M., Maas, M. K., & Nuttall, A. K. (2020). Self-objectification, sexual subjectivity, and identity exploration among emerging adult women. *Self and Identity*, 20(7), 1–9. <https://doi.org/10.1080/15298868.2020.1772358>
- Chen, Z., Cernat, A., & Shlomo, N. (2022). Predicting Web Survey Breakoffs Using Machine Learning Models. *Social Science Computer Review*, 089443932211120. <https://doi.org/10.1177/08944393221112000>
- Cleofas, J. V., Albao, B. T., & Dayrit, J. C. S. (2022). Emerging Adulthood Uses and Gratifications of Social Media During the COVID-19 Pandemic: A Mixed Methods Study Among Filipino College Students. *Emerging Adulthood*, 10(6), 216769682211286. <https://doi.org/10.1177/21676968221128621>
- Denes, A., Crowley, J. P., Gibson, L. P., & Hamlin, E. L. (2021). Mother-Son Communication about Sex: Exploring Associations with Emerging Adult Sons' Sexual Self-Esteem, Anxiety, and Satisfaction. *American Journal of Sexuality Education*, 17(1), 84–105. <https://doi.org/10.1080/15546128.2021.1959474>
- Denzin, N. K. (1978). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods* (2nd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.
- UMAR & CIG. (2023). *Estudo Nacional sobre Violência no Namoro – Infografia* [PDF]. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2023/02/InfografiaVN_UMAR_2023_Final_Corrigida.pdf
- Dodson, C. V., Scull, T., & Schoemann, A. M. (2022). A Six-Month Outcome Evaluation of *Media Aware Parent*, a Parent-Based Media Mediation and Sexual Health Communication Program to Promote Adolescent Sexual Health. *Journal of Health Communication*, 27(11-12), 825–838. <https://doi.org/10.1080/10810730.2023.2165741>

- Efrati, Y., & Gola, M. (2019). Adolescents' compulsive sexual behavior: The role of parental competence, parents' psychopathology, and quality of parent-child communication about sex. *Journal of Behavioral Addictions*, 8(3), 420–431. <https://doi.org/10.1556/2006.8.2019.33>
- Elias, N., Lemish, D., & Rovner-Lev, G. (2021). Food for Thought: Parent-Child Face-to-Face Communication and Mobile Phone Use in Eateries. *Journal of Family Communication*, 21(4), 1–15. <https://doi.org/10.1080/15267431.2021.1953501>
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. W W Norton & Co.
- Evans-Paulson, R., Widman, L., Brasileiro, J., Maheux, A. J., & Choukas-Bradley, S. (2021a). Examining the link between sexual self-concept and sexual communication among adolescents. *Communication Quarterly*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/01463373.2021.1969585>
- Evans-Paulson, R., Widman, L., Brasileiro, J., Maheux, A. J., & Choukas-Bradley, S. (2021b). Examining the link between sexual self-concept and sexual communication among adolescents. *Communication Quarterly*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/01463373.2021.1969585>
- Field, A. (2018). *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics* (5th ed.). Sage Publications.
- Flick, U. (2004). *Triangulation in qualitative research*. In U. Flick, E. Kardorff, & I. Steinke (Eds.), *A companion to qualitative research* (pp. 178–183). London: Sage.
- Fortenberry, J. D. (2013). The evolving sexual health paradigm. *AIDS*, 27, S127–S133. <https://doi.org/10.1097/qad.0000000000000048>
- Fortenberry, J. D. (2014). Sexual Learning, Sexual Experience, and Healthy Adolescent Sex. In *Positive and negative outcomes of sexual behaviors. New Directions for Child and Adolescent Development* (pp. 71–86). John Wiley & Sons.
- Gong, W., Jiang, L., Guo, Q., & Shen, F. (2023). The role of family communication patterns in intergenerational COVID-19 discussions and preventive behaviors: a social cognitive approach. *BMC Psychology*, 11(1). <https://doi.org/10.1186/s40359-023-01331-y>
- Grossman, J. M., & Richer, A. M. (2021). Parents' Perspectives on Talk with Their Adolescent and Emerging Adult Children About Sex: a Longitudinal Analysis.

Sexuality Research and Social Policy, 20(1). <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00656-w>

Grossman, J. M., Richer, A. M., Charmaraman, L., Ceder, I., & Erkut, S. (2018). Youth Perspectives on Sexuality Communication With Parents and Extended Family. *Family Relations*, 67(3), 368–380. <https://doi.org/10.1111/fare.12313>

Grossman, J. M., Sarwar, P. F., Richer, A. M., & Erkut, S. (2017). “We Talked About Sex.” “No, We Didn’t”: Exploring Adolescent and Parent Agreement About Sexuality Communication. *American Journal of Sexuality Education*, 12(4), 343–357. <https://doi.org/10.1080/15546128.2017.1372829>

Hauskov Graungaard, A., Hafting, M., Davidsen, A. S., & Lykke, K. (2021). How is my child doing – parental understanding of their children when a parent has cancer. *Journal of Psychosocial Oncology*, 41(1), 1–16. <https://doi.org/10.1080/07347332.2021.2013386>

Hensel, D. J., Fortenberry, J. D., O’Sullivan, L. F., & Orr, D. P. (2011). The developmental association of sexual self-concept with sexual behavior among adolescent women. *Journal of Adolescence*, 34(4), 675–684. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.09.005>

Holman, A., Holloway, M., Meinecke, K., Deatherage, S., Kort, R., Erie, E., Rizk, N., Gilstrap, S., & Piskel, S. (2023). “Did I Say Too Much? Did I Say enough?”: Balancing the Competing Struggles Parents Experience in Talking to Their Children About Sex-Related Topics. *Journal of Family Communication*, 1–12. <https://doi.org/10.1080/15267431.2023.2239230>

Holman, A., & Kellas, J. K. (2015). High School Adolescents’ Perceptions of the Parent–Child Sex Talk: How Communication, Relational, and Family Factors Relate to Sexual Health. *Southern Communication Journal*, 80(5), 388–403. <https://doi.org/10.1080/1041794x.2015.1081976>

King, B. M. (2022). The Influence of Social Desirability on Sexual Behavior Surveys: A Review. *Archives of Sexual Behavior*, 51(3), 1495–1501. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02197-0>

- Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (1997). Family type and conflict: The impact of conversation orientation and conformity orientation on conflict in the family. *Communication Studies*, 48(1), 59–75. <https://doi.org/10.1080/10510979709368491>
- Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (2002). Toward a Theory of Family Communication. *Communication Theory*, 12(1), 70–91. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2002.tb00260.x>
- Koerner, A. F., & Schrodt, P. (2014). An Introduction to the Special Issue on Family Communication Patterns Theory. *Journal of Family Communication*, 14(1), 1–15. <https://doi.org/10.1080/15267431.2013.857328>
- Koerner, A. F., Schrodt, P., & Fitzpatrick, M. A. (2018). Family Communication Patterns Theory: A Grand Theory of Family Communication. In D. O. Braithewaite, E. A. Suter, & K. Floyd (Eds.), *Engaging Theories in Family Communication Multiple Perspectives* (pp. 142–154). Routledge.
- Kuborn, S., Markham, M., & Astle, S. (2022). “I Wish They Would Have a Class for Parents About Talking to Their Kids About Sex”: College Women’s Parent–child Sexual Communication Reflections and Desires. *Sexuality Research and Social Policy*. <https://doi.org/10.1007/s13178-022-00723-w>
- Lawford, H. L., Astrologo, L., Ramey, H. L., & Linden-Andersen, S. (2020). Identity, Intimacy, and Generativity in Adolescence and Young Adulthood: A Test of the Psychosocial Model. *Identity*, 20(1), 9–21. <https://doi.org/10.1080/15283488.2019.1697271>
- LAWRANCE, K.-A., & BYERS, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The interpersonal exchange model of sexual satisfaction. *Personal Relationships*, 2(4), 267–285. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x>
- Lefkowitz, E. S., & Stoppa, T. M. (2006). Positive sexual communication and socialization in the parent-adolescent context. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2006(112), 39–55. <https://doi.org/10.1002/cd.161>
- Li, N., Wang, J., & Wei, H. (2025). The Application of Flow–Clutch States and AHP-QFD-FBS in the Design of Parent–Child Interaction Exercise Bikes. *Applied Sciences*, 15(6), 3270. <https://doi.org/10.3390/app15063270>

- Manago, A. M., Ward, L. M., & Aldana, A. (2014). The Sexual Experience of Latino Young Adults in College and Their Perceptions of Values About Sex Communicated by Their Parents and Friends. *Emerging Adulthood, 3*(1), 14–23. <https://doi.org/10.1177/2167696814536165>
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística- Com Utilização do SPSS* (3ª ed.). Sílabo.
- Mastro, S., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2017). Let's talk openly about sex: Sexual communication, self-esteem and efficacy as correlates of sexual well-being. In D. van de Bongardt, R. Yu, M. Dekovic, & W. Meeus (Eds.), *Romantic Relationships and Sexuality in Adolescence and Young Adulthood*. Routledge.
- Mitchell, L. L., Lodi-Smith, J., Baranski, E. N., & Whitbourne, S. K. (2021). Implications of identity resolution in emerging adulthood for intimacy, generativity, and integrity across the adult lifespan. *Psychology and Aging, 36*(5), 545–556. <https://doi.org/10.1037/pag0000537>
- Mittereder, F., & West, B. T. (2022). A dynamic survival modeling approach to the prediction of web survey breakoff. *Journal of Survey Statistics and Methodology, 10*(4), 945–978. <https://doi.org/10.1093/jssam/smab015>
- Mulhall, J. P., King, R., Kirby, M., Hvidsten, K., Symonds, T., Bushmakin, A. G., & Cappelleri, J. C. (2008). Evaluating the Sexual Experience in Men: Validation of the Sexual Experience Questionnaire. *The Journal of Sexual Medicine, 5*(2), 365–376. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2007.00694.x>
- Ndugga, P., Kwagala, B., Wandera, S. O., Kisaakye, P., Mbonye, M. K., & Ngabirano, F. (2023). “If your mother does not teach you, the world will...”: a qualitative study of parent-adolescent communication on sexual and reproductive health issues in Border districts of eastern Uganda. *BMC Public Health, 23*(1). <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15562-6>
- Newlands, R. T., Brito, J., & Denning, D. M. (2020). *Cultural considerations in the treatment of sexual dysfunction*. In R. Parekh (Ed.), *Handbook of cultural factors in behavioral health* (pp. 3–16). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-32229-8_1
- Nimbi, F. M., Galizia, R., Rossi, R., Limoncin, E., Ciocca, G., Fontanesi, L., Jannini, E. A., Simonelli, C., & Tambelli, R. (2021). The Biopsychosocial Model and the Sex-Positive

- Approach: an Integrative Perspective for Sexology and General Health Care. *Sexuality Research and Social Policy*, 19(3). <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00647-x>
- Noné AR. 2014. Saúde Mental e Autoconceito Sexual : uma comparação entre uma amostra clínica e não clínica (Dissertação de Mestrado). Universidade da Beira Interior. Qualls M, Pallin DJ, Schuur JD. 2010. Parametric versus nonparametric statistical tests: The length of stay example. *Acad Emerg Med*. 17(10):1113–1121. doi:10.1111/j.1553-2712.2010.00874.x.
- Pais Ribeiro, L. (2010). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde* (2ª ed.). Placete Editora.
- Peixoto, M. M., Amarelo-Pires, I., Pimentel Biscaia, M. S., & Machado, P. P. P. (2018). Sexual self-esteem, sexual functioning and sexual satisfaction in Portuguese heterosexual university students. *Psychology & Sexuality*, 9(4), 305–316. <https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1491413>
- Plutzer, E. (2019). Privacy, Sensitive Questions, and Informed Consent. *Public Opinion Quarterly*, 83(S1), 169–184. <https://doi.org/10.1093/poq/nfz017>
- Potki, R., Ziaei, T., Faramarzi, M., Moosazadeh, M., & Shahhosseini, Z. (2017). Bio-psycho-social factors affecting sexual self-concept: A systematic review. *Electronic Physician*, 9(9), 5172–5178. <https://doi.org/10.19082/5172>
- Rathus, S., S. Nevid, J., & Fichner-Rathus, L. (2005). What Is Sexuality. In *Human sexuality in a world of diversity*. Pearson.
- Rausch, D., & Rettenberger, M. (2021). Predictors of Sexual Satisfaction in Women: A Systematic Review. *Sexual Medicine Reviews*, 9(3). <https://doi.org/10.1016/j.sxmr.2021.01.001>
- Rogers, A. A., Ha, T., Stormshak, E. A., & Dishion, T. J. (2015). Quality of Parent–Adolescent Conversations About Sex and Adolescent Sexual Behavior: An Observational Study. *Journal of Adolescent Health*, 57(2), 174–178. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.04.010>
- Rongo, K., Okuthe, A., Pelesiah, & Abila, J. (2025). Influence of Family Conversation Behaviour Towards Parents Mental Health in Kitere Hill. *African Journal of Education Science and Technology (AJEST)*, 8(2).

- Rosen, R., Janssen, E., Wiegel, M., Bancroft, J., Althof, S., Wincze, J., Seigraves, R. T., & Barlow, D. (2006). Psychological and Interpersonal Correlates in Men with Erectile Dysfunction and their Partners: A Pilot Study of Treatment Outcome with Sildenafil. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 32(3), 215–234. <https://doi.org/10.1080/00926230600575314>
- Rubin, J. D., Conley, T. D., Klein, V., Liu, J., Lehane, C. M., & Dammeyer, J. (2019). A cross-national examination of sexual desire: The roles of “gendered cultural scripts” and “sexual pleasure” in predicting heterosexual women’s desire for sex. *Personality and Individual Differences*, 151, 109502. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.07.012>
- Sánchez-Fuentes, M. del M., Hidalgo-Muñoz, A. R., Moyano, N., & Gómez-Berrocal, C. (2025). Sexual and Agency Norms: Effect on Young Women’s Self-Perception and Attitude Toward Sexual Consent. *Behavioral Sciences*, 15(3), 250. <https://doi.org/10.3390/bs15030250>
- Santa Maria, D., Markham, C., Bluethmann, S., & Mullen, P. D. (2015). Parent-Based Adolescent Sexual Health Interventions And Effect on Communication Outcomes: A Systematic Review and Meta-Analyses. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 47(1), 37–50. <https://doi.org/10.1363/47e2415>
- SexLab – Laboratório de Investigação em Sexualidade Humana. (2024). *SHAPE: Questionário avaliação das práticas e experiências de saúde sexual*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. https://noticias.up.pt/fpceup/wp-content/uploads/sites/14/2024/10/SHAPE_1out_small.pdf
- Thomas, S. N., & Hovick, S. R. (2021). The Indirect Effect of Family Communication Patterns on Young Adults’ Health Self-disclosure: Understanding the Role of Descriptive and Injunctive Norms in a Test of the Integrative Model of Behavioral Prediction. *Communication Reports*, 34(3), 1–16. <https://doi.org/10.1080/08934215.2021.1924213>
- Trost, K., Eichas, K., Ferrer-Wreder, L., & Galanti, M. R. (2019). The Study of Family Context: Examining Its Role for Identity Coherence and Adolescent Adjustment for Swedish Adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, 40(2), 165–196. <https://doi.org/10.1177/0272431619833479>

- van de Bongardt, D., & de Graaf, H. (2020). Youth's Socio-Sexual Competences With Romantic and Casual Sexual Partners. *The Journal of Sex Research*, 57(9), 1–14. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1743226>
- Wang, N., Roaché, D. J., & Pusateri, K. B. (2018). Associations Between Parents' and Young Adults' Face-to-Face and Technologically Mediated Communication Competence: The Role of Family Communication Patterns. *Communication Research*, 46(8), 1171–1196. <https://doi.org/10.1177/0093650217750972>
- Ward, L. M., Rosenscruggs, D., & Aguinaldo, E. R. (2022). A Scripted Sexuality: Media, Gendered Sexual Scripts, and Their Impact on Our Lives. *Current Directions in Psychological Science*, 31(4), 369–374. <https://doi.org/10.1177/09637214221101072>
- White, A., Boehm, M., Glackin, E., & Bleakley, A. (2023). How Sexual Information Sources are Related to Emerging Adults' Sex-Positive Scripts and Sexual Communication. *Sexuality & Culture*, 27. <https://doi.org/10.1007/s12119-022-10061-z>
- Widman, L., Choukas-Bradley, S., Noar, S. M., Nesi, J., & Garrett, K. (2016). Parent-Adolescent Sexual Communication and Adolescent Safer Sex Behavior. *JAMA Pediatrics*, 170(1), 52. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2015.2731>
- Widman, L., Evans, R., Javidi, H., & Choukas-Bradley, S. (2019). Assessment of Parent-Based Interventions for Adolescent Sexual Health. *JAMA Pediatrics*, 173(9), 866. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2019.2324>
- Wilson, K. N., Jensen, J., Ballard, S., & Taylor, A. (2022). Tell Me More: Parent–Child Sexual Talk and Young Adult Sexual Communication Satisfaction with Romantic Partners. *Journal of Social, Behavioral, and Health Sciences*, 16(1). <https://doi.org/10.5590/jsbhs.2022.16.1.02>
- World Health Organization. (2024). *Defining sexual health*. [Www.who.int. https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research/key-areas-of-work/sexual-health/defining-sexual-health](https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research/key-areas-of-work/sexual-health/defining-sexual-health)
- Zimmerman, L., Darnell, D. A., Rhew, I. C., Lee, C. M., & Kaysen, D. (2015). Resilience in Community: A Social Ecological Development Model for Young Adult Sexual Minority Women. *American Journal of Community Psychology*, 55(1-2), 179–190. <https://doi.org/10.1007/s10464-015-9702-6>

Anexos

Anexo A- Consentimento Informado

Convidamo-lo/a a participar neste estudo cujo objetivo principal é entender qual o efeito da comunicação parental acerca da sexualidade no autoconceito e na satisfação sexual dos filhos em idade adulta.

O presente estudo está a ser realizado no âmbito de uma investigação para a conclusão do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA- Instituto Universitário, sob responsabilidade da aluna Margarida Palma Gomes, com orientação da Professora Doutora Sofia Von Humboldt. A sua participação é solicitada através do preenchimento de um questionário com uma duração aproximada de 10 minutos.

A sua participação é confidencial, anónima e voluntária, estando por isso à vontade para interromper o questionário a qualquer altura, se pretender desistir do mesmo. Os dados recolhidos serão utilizados e analisados exclusivamente para fins académicos e no seu conjunto. Não é esperado que a sua participação no presente estudo gere algum tipo de mal-estar ou sentimento negativo. Poderá participar se tiver entre 18 anos e 30 anos. Agradeço desde já a sua participação, estando ao dispor para quaisquer dúvidas, questões ou comentários. E-mail: 27779@alunos.ispa.pt

Aceito participar neste estudo e compreendo as informações acima referidas:

Concordo

Anexo B- Questionário Sociodemográfico

1. **Idade:** 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28
 29 30

2. **Sexo Biológico:** Feminino Masculino

3. **Gênero:** Mulher Homem Prefiro não dizer Outro:

4. **Orientação Sexual:** Heterossexual Homossexual Bissexual Prefiro não dizer Outro: _____

5. **Religião:** Católico Protestante Agnóstico Ateu Outro:

6. **Estado Civil:** Solteiro Comprometido Casado Divorciado Outro:

Anexo C- Questionário Comunicação Parental e Autoconceito Sexual

Em seguida irá encontrar algumas perguntas e afirmações relativas aos seus cuidadores. Apesar de estas utilizarem os termos 'pais', 'pai' ou 'mãe', pedimos, por favor, que as interprete de acordo com a sua configuração familiar, considerando as pessoas que desempenharam papéis parentais na sua vida.

Por favor, leia com atenção cada afirmação e assinale, de 1 a 5, o grau com que concorda.

1. Durante o seu crescimento, em que medida concorda com as seguintes afirmações:

	Discordo totalmente (1)	Não concordo (2)	Não concordo nem discordo (3)	Concordo (4)	Concordo totalmente (5)
Que era membro ativo da sua família, participando nas tomadas de decisão da mesma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que os seus pais levavam em consideração as suas opiniões e sentimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que havia regularmente momentos de partilha, nomeadamente de tópicos do quotidiano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que havia momentos de debate sobre temas do seu interesse	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que havia regras restritas implementadas pelos seus pais que não estavam abertas a discussão (ex.: horas para chegar a casa, visitas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Que podia recorrer aos seus pais sempre que tivesse um problema ou questão sobre qualquer tema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Como descreveria a relação com a sua mãe? (máx. 50 palavras)

3. Como descreveria a relação com o seu pai? (máx. 50 palavras)

4. Ao longo do seu crescimento, recorda-se de conversar frequentemente com os seus pais sobre:

	Nunca (1)	Raramente (2)	Ocasionalmente (3)	Frequente (4)	Muito frequente (5)
Consentimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relações Românticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dimensões Afetivas da Sexualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Desejo Sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diferentes tipos de Prazer Sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Orgasmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pressão dos Pares para Iniciar a Vida Sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Como falar com um parceiro acerca do que está ou não confortável para fazer sexualmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5. Qual o grau de conforto face a estas conversas:

	Nada confortável (1)	Pouco confortável (2)	Nem confortável nem desconfortável (3)	Confortável (4)	Muito confortável (5)
O seu grau de conforto face a estas conversas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O grau de conforto da sua mãe face a estas conversas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O grau de conforto do seu pai face a estas conversas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O grau de conforto dos seus pais face a estas conversas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. As conversas ocorriam de forma:

- Bidirecional
- Unidirecional

7. Em que contexto ocorriam:

- Conversa formal
- Conversa informal (ex.: enquanto outras tarefas eram feitas)

8. De 1 a 5, sendo 1 o grau mais baixo da característica e 5 o maior, como caracterizaria a postura dos seus pais nessas conversas:

	1	2	3	4	5
Flexível	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aceitação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aberta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interessado nas suas dúvidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Sentia-se à vontade para esclarecer as suas dúvidas acerca da sexualidade?

Nada à vontade			Muito à vontade		
1	2	3	4	5	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

10. Sente que as conversas que os seus pais tinham referentes à sexualidade foram adaptando os tópicos consoante a sua fase de desenvolvimento?

Discordo Totalmente			Concordo Totalmente		
1	2	3	4	5	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

11. Em específico na adolescência, sentiu que os seus pais quando falavam sobre a sexualidade a integravam no contexto das suas relações/interesses amorosos?

Nada integrado

Muito integrado

1

2

3

4

5

12. Estas conversas surgiam com um foco negativo face à sexualidade (maioritariamente os riscos, abstinência, recurso à intimidade) ou um foco positivo (sentimentos positivos, naturalidade)?

Muito Negativo

Muito Positivo

1

2

3

4

5

13. Olhando retrospectivamente, sente que os seus pais satisfizeram as suas curiosidades, dúvidas e necessidades acerca da sexualidade?

Nada satisfeito

Muito satisfeito

1

2

3

4

5

14. Relativamente às seguintes afirmações referentes à sexualidade, assinale a resposta que melhor se aplica a si:

	Não me caracteriza nada (1)	Caracteriza-me ligeiramente (2)	Caracteriza-me um pouco (3)	Caracteriza-me bastante (4)	Caracteriza-me totalmente (5)
Sinto-me ansiosa(o) quando penso nos aspetos sexuais da minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinto orgulho no modo como lido com as minhas necessidades e desejos sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tenho medo de me envolver sexualmente com outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estou deprimida(o) com os aspetos sexuais da minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A minha sexualidade é algo pelo qual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

sou largamente responsável.

Preocupo-me

com os aspetos sexuais da minha vida.

Sou

suficientemente

capaz de assegurar a realização dos meus desejos sexuais.

Preocupo-me

com o modo como os outros avaliam as minhas convicções e comportamentos sexuais.

Sinto-me

motivada(o) a dedicar tempo e esforço ao sexo.

Sinto-me

orgulhosa(o)

com o modo como lido com os meus desejos

e preferências
sexuais.

Estou
satisfeita(o) com
o meu grau de
realização
sexual.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Tenho medo de
relacionamentos
sexuais.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Pensar sobre os
aspectos sexuais
da minha vida
deixa-me muitas
vezes com uma
sensação de
desconforto.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Estou
satisfeita(o) com
o modo como
lido com as
minhas
tendências e
comportamentos
sexuais.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Pessoalmente
considero
gratificantes os
aspectos sexuais
da minha vida.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------	--------------------------

Sinto-me

desencorajada(o)
com a minha
vida sexual.

Sou capaz de
controlar e de
lidar com os
meus desejos e
necessidades
sexuais.

Tenho

sentimentos
positivos sobre o
modo como
encaro os meus
próprios desejos
e necessidades
sexuais.

Não tenho medo
de um
envolvimento
sexual.

Anexo D- Nova Escala de Satisfação Sexual- versão reduzida

Em seguida irá encontrar algumas afirmações referentes à sexualidade. Leia atentamente cada item e assinale a resposta que melhor se aplica a si.

Nos itens referentes a um parceiro sexual, se atualmente não tiver nenhum, por favor considere o último parceiro que teve.

Por atividade sexual, entende-se, comportamentos que envolvem interação íntima ou expressão da sexualidade (exemplo: relação sexual, masturbação, carícias e outras formas de contato físico ou emocional que evocam desejo ou afeto).

Por favor, responda a todos os itens sem pensar em demasia e com o máximo de sinceridade.

	Nada satisfeito				Muito satisfeito
	1	2	3	4	5
A qualidade dos meus orgasmos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A capacidade de me 'soltar' e me entregar ao prazer sexual durante as relações	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A forma como eu reajo sexualmente ao(à) meu(minha) parceiro(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O funcionamento sexual do meu corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O meu humor depois da atividade sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O prazer que eu proporciono ao(à) meu(minha)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

parceiro(a) sexual					
O equilíbrio entre o que dou e o que recebo durante o sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O à-vontade do(a) meu(minha) parceiro(a) durante o sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A capacidade do(a) meu(minha) parceiro(a) em ter orgasmos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A criatividade sexual do(a) meu(minha) parceiro(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A diversidade das minhas atividades sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A frequência da minha atividade sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo E- Guião de Entrevista

Convidamo-lo/a a participar neste estudo cujo objetivo principal é entender qual o efeito da comunicação parental acerca da sexualidade no autoconceito e na satisfação sexual dos filhos em idade adulta.

O presente estudo está a ser realizado no âmbito de uma investigação para a conclusão do Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA- Instituto Universitário, sob responsabilidade da aluna Margarida Palma Gomes, com orientação da Professora Doutora Sofia Von Humboldt. A sua participação é solicitada através da resposta a esta entrevista.

A sua participação é confidencial, anónima e voluntária, estando por isso à vontade para interromper a entrevista a qualquer altura, se pretender desistir. Os dados recolhidos serão utilizados e analisados exclusivamente para fins académicos e no seu conjunto. Não é esperado que a sua participação no presente estudo gere algum tipo de mal-estar ou sentimento negativo. Poderá participar se tiver entre 18 anos e 30 anos.

Aceita participar neste estudo e compreende as informações acima referidas?

Autoriza também que a entrevista seja gravada de forma a que seja possível transcrevê-la mais tarde ?

Entrevista nº (Data; Idade; Género; Tipo de entrevista)

Por comunicação parental entende-se qualquer mensagem do(s) teu(s) cuidadore(s) sobre sexualidade, seja esta explícita ou implícita durante o seu crescimento.

Considera que a comunicação parental em relação à sexualidade, ao longo do seu crescimento, influenciou de algum modo a sua vivência da sexualidade atualmente? De que forma?

Anexo F- Pressuposto da Normalidade para as variáveis Comunicação Parental e Comunicação Parental Sexual

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
Comunicação_Parental	,195	100	<,001	,935	100	<,001
Comunicação_Sexual	,109	100	,005	,953	100	,001

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Figura F1- Teste Kolmogorov-Smirnov

Anexo G- Pressupostos do teste *t-student*- Tipo de família/ Autoconceito Sexual

Testes de Normalidade

	tipo_familia	Kolmogorov-Smirnov ^a		
		Estatística	gl	Sig.
Autoconceito_sex_corrigida	,00	,105	54	,200*
	1,00	,124	46	,072

Figura G1- Teste Kolmogorov- Smirnov

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para igualdade ..
		Z	Sig.	t
Autoconceito_sex_corrigida	Variâncias iguais assumidas	3,755	,056	-2,052
	Variâncias iguais não assumidas			-2,089

Figura G2- Teste de Levene

Anexo H- Pressuposto da Regressão Linear- Comunicação Parental Sexual X Autoconceito Sexual

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,282 ^a	,079	,070	,80319	1,708

a. Preditores: (Constante), Comunicação_sexual_corrigida

b. Variável Dependente: Autoconceito_sex_corrigida

Figura H1. Teste à independência dos erros (Durbin-Watson)

Estatísticas de resíduos^a

	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio	N
Valor previsto	3,3322	4,4268	3,7471	,23471	100
Erro Valor previsto	-1,767	2,896	,000	1,000	100
Erro padrão do valor previsto	,080	,247	,109	,031	100
Valor previsto ajustado	3,2798	4,3930	3,7467	,23382	100
Resíduo	-1,98446	1,61223	,00000	,79912	100
Erro Resíduo	-2,471	2,007	,000	,995	100
Resíduos Resíduo	-2,491	2,048	,000	1,005	100
de Estud.	-2,01651	1,67851	,00035	,81485	100
Resíduos de Estud.	-2,560	2,083	-,002	1,012	100
Mahal. Distância	,000	8,388	,990	1,347	100
Distância de Cook	,000	,086	,010	,014	100
Valor de ponto alavanca centralizado	,000	,085	,010	,014	100

a. Variável Dependente: Autoconceito_sex_corrigida

Figura H2. Valor da Distância de Cook

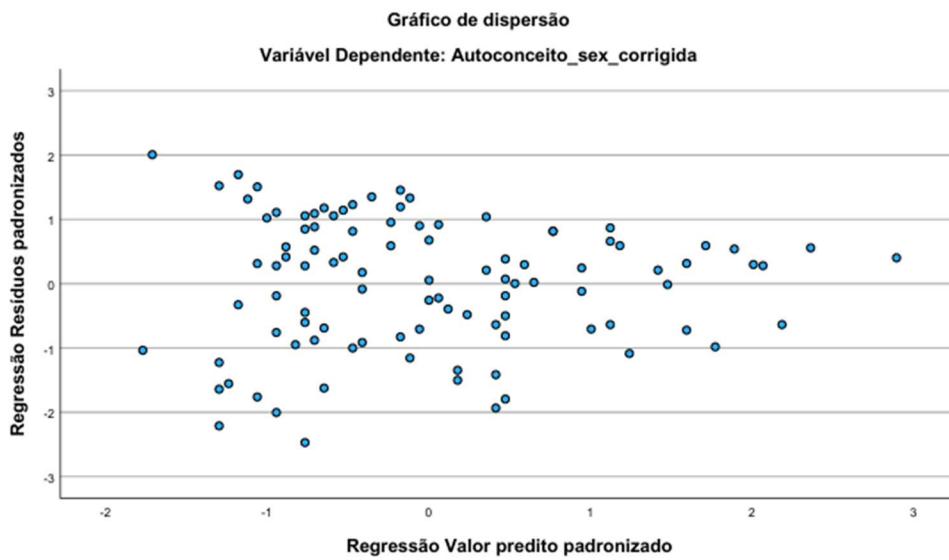


Figura H3. Diagrama de Dispersão

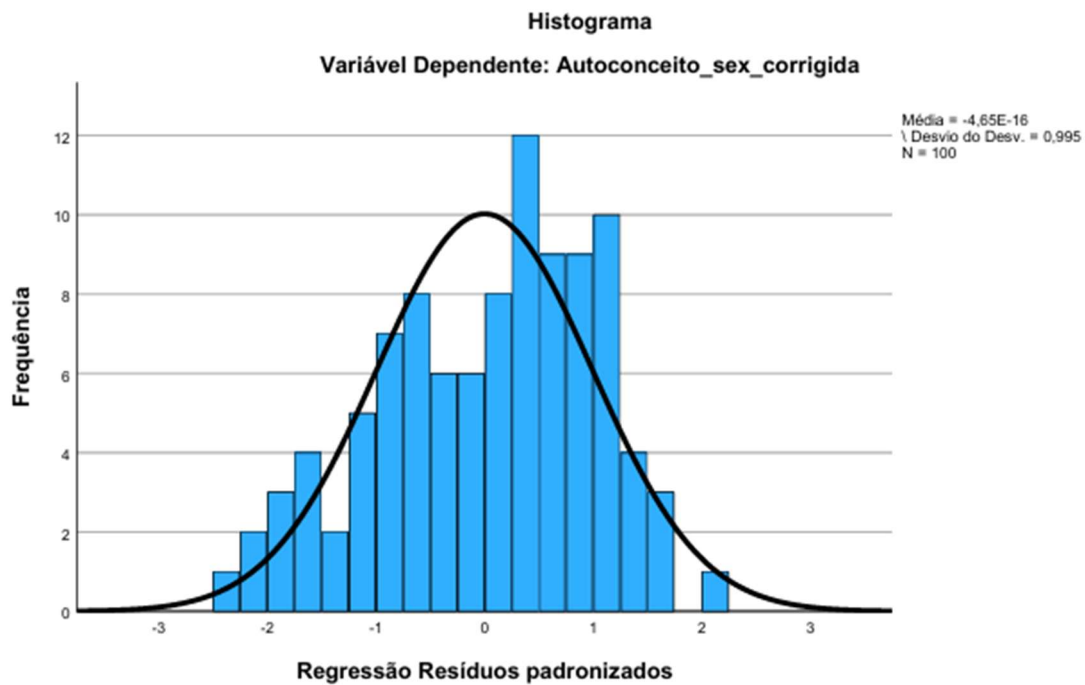


Figura H4. Distribuição dos resíduos padronizados

Gráfico P-P Normal de Regressão Resíduos padronizados

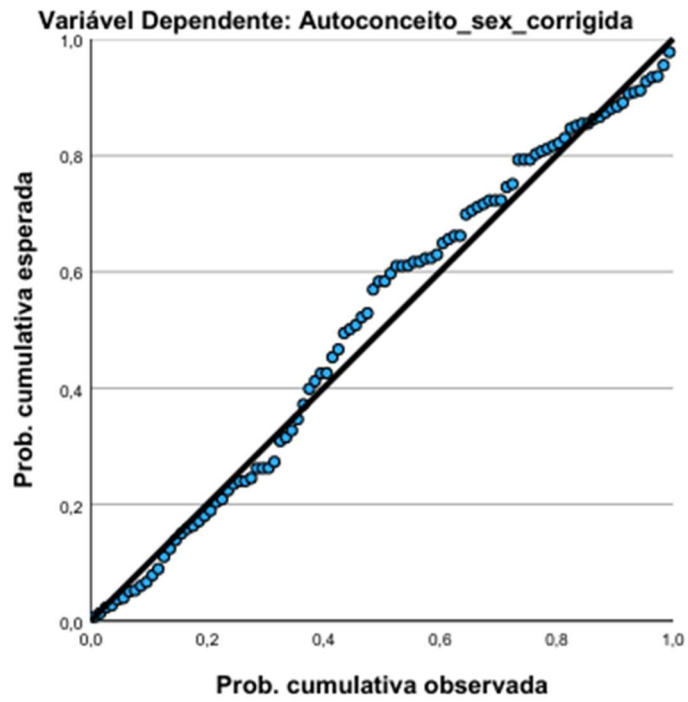


Figura H5. Gráfico P-P resíduos padronizados

Anexo I- Pressupostos Regressão Linear- Comunicação Parental Sexual X Satisfação Sexual

Resumo do modelo^b

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	,239 ^a	,057	,047	11,60597	1,999

a. Preditores: (Constante), Comunicação_sexual_corrigida

b. Variável Dependente: NSSS_S_Total

Figura 11. Teste da independência dos erros (*Durbin-Watson*)

Estatísticas de resíduos^a

	Mínimo	Máximo	Média	Erro Desvio	N
Valor previsto	38,8373	52,0638	43,8500	2,83606	100
Erro Valor previsto	-1,767	2,896	,000	1,000	100
Erro padrão do valor previsto	1,161	3,572	1,578	,455	100
Valor previsto ajustado	38,2240	52,3844	43,8436	2,82399	100
Resíduo	-33,19943	18,99523	,00000	11,54721	100
Erro Resíduo	-2,861	1,637	,000	,995	100
Resíduos Resíduo de Estud.	-2,878	1,670	,000	1,004	100
Resíduos de Estud.	-33,61242	19,77603	,00641	11,76621	100
Resíduos de Estud.	-2,993	1,686	-,005	1,020	100
Mahal. Distância	,000	8,388	,990	1,347	100
Distância de Cook	,000	,121	,010	,017	100
Valor de ponto alavanca centralizado	,000	,085	,010	,014	100

a. Variável Dependente: NSSS_S_Total

Figura 12. Valor da Distância de *Cook*

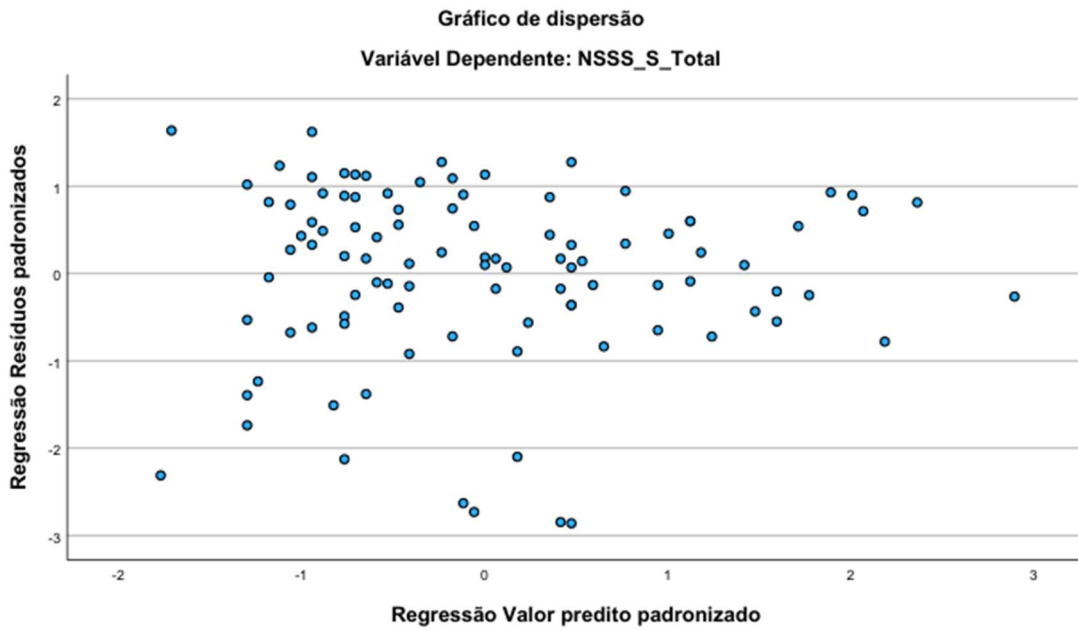


Figura 13. Diagrama de Dispersão

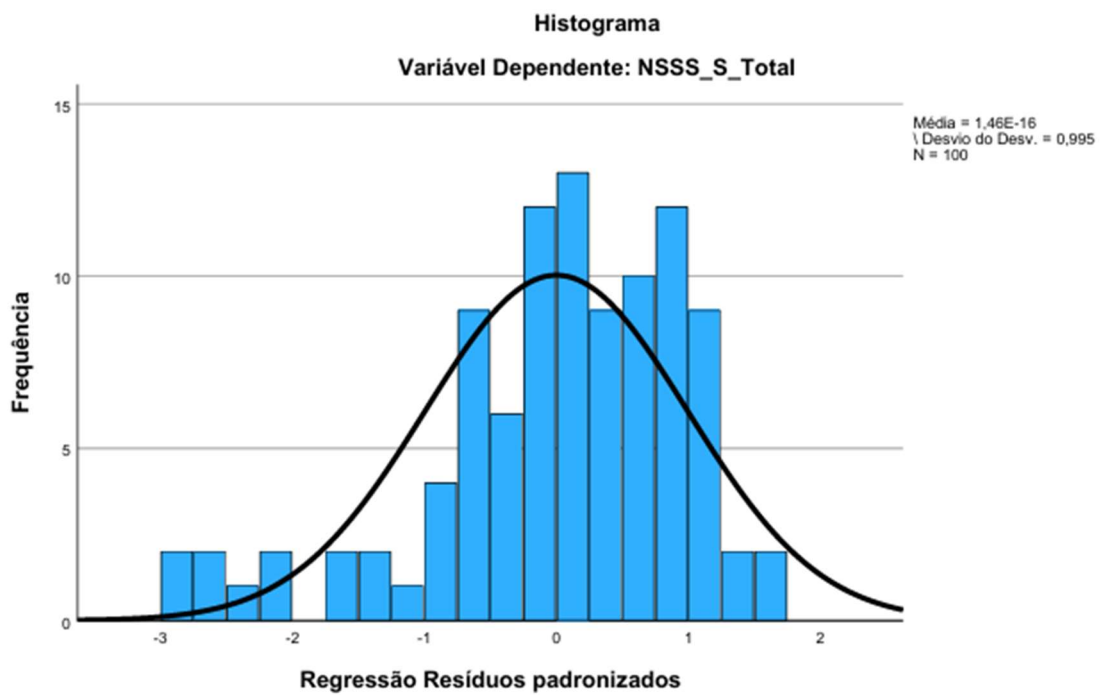


Figura 14. Distribuição dos Resíduos Padronizados

Gráfico P-P Normal de Regressão Resíduos padronizados

Variável Dependente: NSSS_S_Total

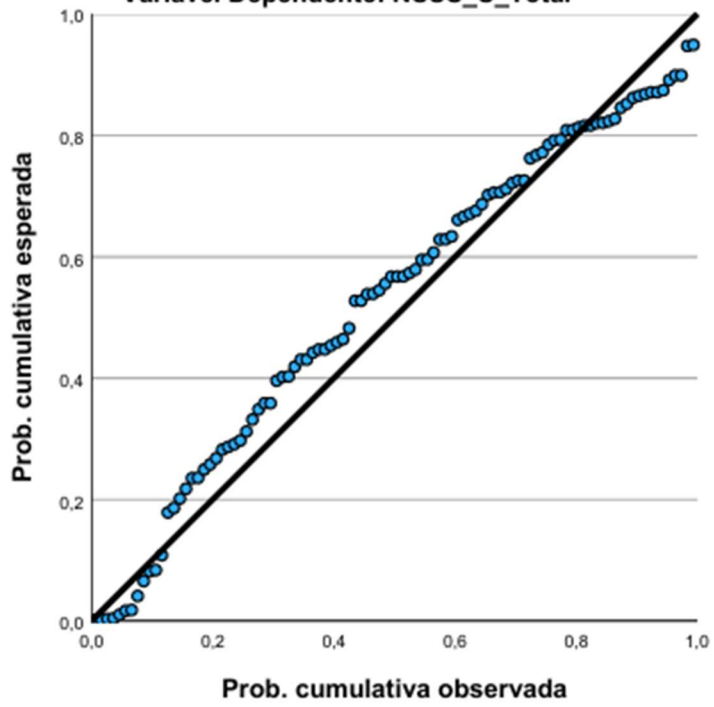


Figura 15. Gráfico P-P resíduos padronizados

Anexo J- Transcrição das respostas às perguntas de entrevista

Entrevista 1- 21/08/2025; Feminino; 25 anos; Presencial (MC)

“ Sim, o facto da minha mãe ter abertura sobre o tema penso que fez com que vivesse a minha sexualidade de uma forma mais positiva, não com tantos medos ou receios. No entanto, relativamente por exemplo à satisfação sexual por ser um tema menos discutido ainda para mais na geração dos nossos pais sinto que as vezes podiam surgir algumas duvidas e que por os meus pais não terem tido isso eu acabei por não ter também essa conversa com eles, mas mais com os meus amigos. Atualmente faz com que eu viva a sexualidade de uma forma livre e natural e mesmo com os meus parceiros sinto que consigo ter mais transparência e honestidade com o tema, principalmente pela experiência que tive com a minha mãe.

O consentimento por exemplo foi uma coisa que nunca foi abordada, só que sei lá acho que por falarmos isso uns com os outros eu meio que sabia no que consistia e nesse sentido não impactou.

Já a comunicação com o meu pai foi inexistente e inicialmente senti que era um tema mais complexo e fez com que eu não sentisse tanta confiança em mim ou no outro.”

Entrevista 2- 21/08; Masculino; 26 anos; Presencial (RS)

“ Eu sinto que no que é o conceito lato da comunicação parental e nesta parte não focando tanto na parte da sexualidade, eu acho que existe uma certa barreira entre eu conseguir expressar me para os meus pais e eles conseguirem compreender-me e eu acho que isto cria dificuldade pessoal em as vezes conseguir comunicar-me ou expressar-me sobre certos temas mais íntimos como a sexualidade.

Ao longo do crescimento apesar de haver conversas sobre sexo no geral, não sinto que tenham sido voltadas para a educação sexual, o consentimento, a satisfação.

Eu acho que a questão da sexualidade e temas sobre a mesma para mim parte muito de pares e outras fontes o que considero que foi o que mais me influenciou.

Ou seja, acabou por não influenciar diretamente, mas não havia conforto para se debater estes temas.”

Entrevista 3- 28/08; Feminino; 23; Telefónica (MF)

“Sim, acho que sim, eu acho que o facto de não ter havido muita essa conversa sobre esse tema faz com que exista um certo tabu de mim própria para com o tema. Eu acho que este tabu, ou seja, não tendo uma vida sexualmente ativa, se traduz num receio de viver a sexualidade e esclarecer as dúvidas que eu tenho acerca da mesma.

Se calhar existiu uma ou duas vezes essas conversas, mas nunca foi focada em mim e foi sempre puxada por mim, nunca foi diretamente sobre a minha vida sexual, até era tratado com naturalidade, mas mesmo tempo meio que a despachar o assunto.”

Entrevista 4- 28/08; Feminino; 23; Telefónica (MM)

” Eu acho que nunca tive conversas explícitas sobre a sexualidade com os meus pais enquanto estava a crescer e mesmo agora, não posso considerar sequer de 1 ou duas conversas que tive com a minha mãe. Eu diria que se calhar implicitamente afetou o início da minha vida sexual, na medida em que eu tinha pouca abertura, não falava com ninguém sobre isso, nem com as minhas amigas, só mais tarde quando de facto iniciei a minha vida sexual, tinha muita vergonha à volta do assunto, fosse relacionado com qualquer aspeto da minha sexualidade, estar com uma pessoa ou sobre masturbação etc. Eu acho que hoje em dia tenho trabalhado imenso nisso e nem sequer se compara, mas acho que se refletiu muito nas conversas com a pessoa com quem eu estou sobre sexo. Eu gosto de falar sobre o assunto e acrescenta imenso numa relação, no entanto numa parte mais profunda minha, continuo a experienciar alguns sentimentos de vergonha, ou seja eu falo sobre isso e cada vez que falo sinto-me melhor, com os meus amigos isso não acontece, mas custa-me sempre um pouco, no que diz respeito a expressar as minhas próprias vontades, o meu desejo, aquilo que eu sinto durante e eu acho que isso fazendo a ponte com o meu crescimento, foi afetado, não tanto por não se ter falado do assunto, mas mesmo entre os meus pais eu não via demonstrações de afeto propriamente, nem esse tipo de coisas e acho que pode ser por aí que em parte influenciou.”

Entrevista 5- 28/08; Masculino; 20 anos; Presencial (RA)

“Considero que tenha influenciado pela positiva, os tópicos eram maioritariamente ao nível dos riscos de IST’s e de gravidezes não desejadas o que me fez ter maior consciência dos riscos.

Entrevista 6- 28/08; Feminino; 25 anos; Telefónica (MO)

“Considero que sim, não foi um tema falado abertamente, ou falado sequer em casa. E acho que isso acabou por se criar um certo tabu relativamente à sexualidade, ou seja como não se falava em casa quase que parecia uma coisa que não se podia falar em mais lado nenhum nem com ninguém. Só consegui desconstruir a sexualidade na faculdade. Ou seja, em termos de influência de comportamento, acho que foi uma das razões que me levou a descobrir-me a mim própria bastante mais tarde, em comparação com os meus pares, dado que a sexualidade se tornou um “obstáculo” à descoberta pessoal. E sinto que apesar de não ter sido totalmente por não haver essas conversas em casa, as mesmas teriam ajudado a desmistificar algumas coisas na minha cabeça”

Entrevista 7- 08/09; Feminino; 24 anos; Telefónica (IA)

“Sim, a sexualidade sempre foi um tema um pouco tabu com os meus pais. Tal aconteceu devido a termos crenças religiosas (somos católicos), então nunca foi um tema abordado tanto deles para mim como de mim para eles.

Atualmente, acho que tanto a minha crença religiosa como a visão deles me fizeram olhar para a sexualidade como um pecado ou uma coisa má, algo que não se deve fazer (pelo menos até ao casamento), em vez de ser algo que se faz por amor e algo positivo. Se esta é de facto a visão deles não sei, porque sendo tabu é algo que não falamos, mas acho que por vezes seria bom falar com eles para desabafar, nem que fosse para tirar dúvidas de algumas coisas ou poder simplesmente estar mais à vontade com eles em algumas situações, ou mesmo não ter receio de os desiludir com decisões que tomo, mesmo que sejam conscientes e com cuidados.

Concluindo, honestamente não sei se seria melhor ou pior os meus pais terem mais abertura relativamente ao tema mas se a comunicação parental em relação à sexualidade ao longo do crescimento influencia de algum modo a minha vivência da sexualidade atualmente, diria que sim 100%.”

Entrevista 8- 09/09; Feminino; 26; Telefónica (IX)

“Para ser sincera os meus pais nunca foram de falar sobre sexualidade quando era mais nova lembro-me de uma vez compraram aqueles livros infantis para tentar explicar melhor o que era e de onde vinham os bebés etc...

Nunca foram também de tabus com esse tema mas também nunca foram totalmente abertos (ri-se), agora em adulta já é fácil de falar disto com eles e a minha mãe já falou sobre experiências da vida dela e assim.

Acho que aprendi mais com amigos, pessoas da minha idade na altura ou na escola e por isso sinto que não teve muita influência.”

Entrevista 9- 29/08; Masculino;27 anos; Telefónica (MM)

“Imagina, falar de sexualidade sempre foi uma cena muito tabu lá em casa. A minha mãe chegou a tentar algumas vezes, mas estava sempre tão desconfortável que acabava por me deixar desconfortável também, e eu como miúdo não tinha a capacidade de me abstrair disso. Então essas conversas duraram menos de um minuto, ou seja, não sabia nada de nada, e o que sei até hoje foi porque fui procurar sozinho.

Obviamente que fui procurar a sites porno como acontece à maioria dos miúdos, mas ver aquilo sempre me deixou muito desconfortável, e passado algum tempo comecei a procurar noutros sítios e foi 500x mais saudável e deu para aprender alguma coisa, mas mesmo assim faltava-me muita informação. O que por sua vez me despertou medos e inseguranças em relação à minha vivência da sexualidade.

Também tive algumas relações românticas que eram complexas ao nível da sexualidade, que me fizeram sentir que não tinha ferramentas suficientes para lidar com a situação e o que por sua vez não ajudou com as minhas inseguranças e ao longo da minha vida também vivi muita ansiedade e alguns momentos depressivos.

Mas acho que se tivesse tido algumas conversas sobre sexualidade, principalmente ao longo do meu crescimento, havia muita coisa que podia ter sido evitada, desde inseguranças, como comunicar, saber o que gosto e não gosto, etc.”

Entrevista 10- 10/09; Feminino; 24 anos; Telefónica (SS)

“ Não sinto que lá em casa a sexualidade seja um tema abordado de forma espontânea. Não considero que seja um tabu, mas também não é algo falemos "só porque sim". A comunicação é sobretudo implícita, através de atitudes e não de conversas diretas. Acredito que, mesmo sem intenção, isso acabou por influenciar a forma como vivo hoje a minha sexualidade. Recordo-me de uma conversa com a minha mãe, já com 17 anos, em que fui eu quem tomou a iniciativa, mas não quero falar muito deste exemplo. Mas há também uma história que os meus pais contam muito de uma vez em que o meu irmão "maltratou" uma menina no 1º ano, o meu pai chateou-se mesmo muito com ele e obrigou-o a, no dia seguinte, levar uma flor e pedir-lhe desculpa. Isto para dizer que há coisas que foram tratadas e outras que não, talvez pela diferença de idades ou pela relação que temos.

Entrevista 11- 11/09; Masculino; 23 anos; Presencial (VG)

“100%, a única questão que acho que impactou foi o facto da comunicação principalmente do lado da minha mãe ter sido demasiado explícita e desmedida, no sentido do vocabulário utilizado, na frequência das conversas e no excesso de pormenores, que não acrescentavam informação. Este tipo de comunicação contribuiu para que me sentisse mais enojado sobre certas formas de falar da sexualidade.”